

Romão Carlos Alves Rodrigues

Constrangimentos e desafios da informação radiofónica na atualidade

O estágio na Antena 1 e as dificuldades ao
nível da escrita na rádio

Relatório de Estágio do Mestrado em Jornalismo e Comunicação, orientado pelo Professor Doutor José João Figueira, apresentado ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Junho de 2023

FACULDADE DE LETRAS

CONSTRANGIMENTOS E DESAFIOS DA ATIVIDADE RADIOFÓNICA NA ATUALIDADE O ESTÁGIO NA ANTENA 1 E AS DIFICULDADES AO NÍVEL DA ESCRITA NA RÁDIO

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Constrangimentos e desafios da informação radiofónica na atualidade
Subtítulo	[O estágio na Antena 1 e as dificuldades ao nível da escrita na rádio]
Autor/a	João José Figueira da Silva
Orientador/a(s)	Presidente: Doutor/a Inês de Oliveira Castilho e Albuquerque Amaral
Júri	Vogais: 1. Doutor/a Miguel Ângelo Rodrigues Midões] 2. Doutor/a João José Figueira da Silva
Identificação do Curso	2º Ciclo em Jornalismo e Comunicação
Área científica	
Especialidade/Ramo	Profissional
Data da defesa	20-07-2023
Classificação do Relatório	10 valores
Classificação do Estágio e Relatório	11 valores

1 2



9 0

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Índice

Agradecimentos.....	5
Resumo.....	6
Abstract.....	7
Introdução.....	8
Parte Teórica.....	10
Capítulo I.....	11
As vantagens e os limites da rádio na era digital	11
A rádio nos dias de hoje: um concílio digital	15
Capítulo II.....	17
Secção Desporto: a eterna pedra no sapato do jornalismo	17
Parte Prática.....	20
Capítulo I.....	21
Caracterização do local e do ambiente durante o estágio	21
Apreciação crítica do estágio realizado	23
Capítulo II.....	38
Três momentos de estágio preponderantes	38
1. Pastelaria Itaipú e a reportagem sobre as Eleições Presidenciais Brasileiras.....	38
2. Thinking Football Summit (TFS) e o fim de semana distinto.....	41
3. A presença em pista nas partidas entre FC Porto vs. FC Paços de Ferreira e FC Famalicão vs. Sporting CP.....	44
As decisões que marcaram o meu estágio curricular	48
Dificuldades ao nível da estrutura e do conteúdo da escrita radiofónica	53
Considerações finais sobre a travessia de três meses vivida e (des)conhecida na Antena 1	59
Apêndices ilustrativos.....	78

Índice de imagens

Figura 1. Papel Reunião das Comissões Episcopais	78
Figura 2. PEÇA - 96% Pobreza cigana	79
Figura 3. PAPEL - GREVE DE PROFESSORES	80
Figura 4. Mural - Agustina Bessa-Luís (1)	81
Figura 5. Mural - Agustina Bessa-Luís (2)	82
Figura 6. PEÇA - ANTEVISÃO FCP x SLB	83
Figura 7. Perfil - Angela Lansbury	84
Figura 8. Risco de fecho das maternidades.....	85
Figura 9. Kiev, Lviv e Dnipro.....	85
Figura 10. Peça - Brasil (Itaipú + Lucas).....	86
Figura 11. Pastelaria Itaipú	87
Figura 12. PEÇA - FESTIVAL IMINENTE	88
Figura 13. Peça - residências universitárias	89
Figura 14. Peça - residências universitárias	89
Figura 15. REVISTA DE IMPRENSA - 07/09/22	90
Figura 16. REVISTA DE IMPRENSA 13/09/22.....	91
Figura 17. Greve 24h Polícias Municipais.....	91
Figura 18. Peça - Mercado do Bolhão.....	92
Figura 19. COVID ZERO – CHINA	92

Agradecimentos

Aos meus pais, pelo apoio incondicional.

Ao meu irmão, à pessoa que mais gosto.

À minha avó e ao meu tio, pessoas que se orgulham do meu percurso académico.

Aos meus amigos, José Gonçalves, Afonso Costa, Miguel Teixeira, Beatriz Arian e José Martins, pessoas que me transmitiram forças quando mais precisei.

Aos meus três avôs falecidos, porque sei que queriam que este dia chegasse tanto quanto eu queria.

Ao professor José João Figueira, pela orientação e por ser o docente que mais me transmitiu confiança nestes dois anos.

A todas as conversas e vivências que partilhei com as pessoas que conheci até à data porque, em algum momento e de alguma forma, marcaram a minha vida.

Resumo

O trabalho encerra o relato da experiência vivida por um aluno do segundo ano de Mestrado em Jornalismo e Comunicação no órgão de comunicação social Antena 1 de 4 setembro de 2022 a 4 dezembro de 2022 e está suportado por uma base teórica que versa o modo como a informação radiofónica se movimenta e concilia com o mundo digital e de que forma é que a editoria do Desporto é normalmente observada pelas restantes secções e relegada no seio de uma redação. Um dos objetivos primordiais deste relatório consistiu, como o próprio título indica, evidenciar os desafios e os constrangimentos que a informação radiofónica e as suas repercussões no estágio realizado, alvo ilustrado no capítulo denominado “Dificuldades ao nível da estrutura e do conteúdo na escrita radiofónica” e explicitar as tomadas de decisão que envolviam a relação com o orientador de estágio da entidade empregadora, com jornalistas responsáveis pelo meu auxílio na ausência do “verdadeiro” tutor e com os restantes colegas de redação. Apesar de ao longo do estágio curricular efetuado ter sido perceptível algumas situações de crise e de impasse a nível de produção noticiosa, imprimi destaque a três momentos que considerei preponderantes e que instituíram verdadeiras aprendizagens e, posteriormente, conhecimentos: a saída em reportagem à Pastelaria Itaipú, a presença no *Thinking Football Summit* (TFS) e o “trabalho” de repórter de pista em duas partidas de futebol do campeonato português. O relatório conhece, por fim, uma análise à experiência vivida durante os três meses, onde está sintetizada a impossibilidade de retirar o maior aproveitamento do estágio ao nível da instrução para o radiojornalismo.

Palavras-chave: Escrita radiofónica; radiojornalismo; mundo digital; constrangimentos; conhecimento;

Abstract

This work is the report of the experience lived by a second year student of the Master in Journalism and Communication in the media organization Antena 1 from September 4, 2022 to December 4, 2022 and is supported by a theoretical basis that addresses how the radio information moves and reconciles with the digital world and how the sports section is usually observed by the other sections and relegated within a newsroom. One of the main objectives of this report was, as its title indicates, to highlight the challenges and constraints of radio information and its repercussions on the internship, illustrated in the chapter entitled "Difficulties in terms of structure and content in radio writing" and to explain the decision making that involved the relationship with the internship supervisor of the employer, with journalists responsible for helping me in the absence of the "real" tutor and with the other editorial colleagues. Although during my traineeship some crisis and deadlock situations at the level of news production were perceptible, I emphasized three moments that I considered preponderant and that established real learning and, later, knowledge: the reportage to Pastelaria Itaipú, the presence at the Thinking Football Summit (TFS) and the "work" as a track reporter in two soccer matches of the Portuguese championship. The report includes, finally, an analysis of the experience lived during the three months, where it is synthesized the impossibility to take the best advantage of the internship at the level of instruction for radio journalism.

Keywords: radio writing; radio journalism; digital world; constraints; knowledge;

Introdução

“A comunicação é o processo através do qual as relações humanas existem e se desenvolvem”. – Charles Cooley

O mestrado em Jornalismo e Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra encerra no modelo estruturado, no segundo ano do curso e caso o aluno opte pelo ramo profissional, o cumprimento de um estágio curricular (duração mínima de 3 meses e máxima de 6 meses) no seio de uma entidade preferencialmente protocolada com a instituição. Neste caso, a escolha incidu sobre uma rádio – a Antena 1 – e prendeu-se com o facto de ter particular interesse e gosto pela atividade jornalística e pela sua execução neste meio de comunicação. Por norma, para os universitários, esta unidade curricular ergue-se como a primeira montra para o vulgarmente designado “mundo do trabalho”, pelo menos na área referente ao estudo até aí desempenhado. Neste momento, cada (futuro) estagiário detém a possibilidade de analisar e recolher informações acerca da área na qual exerce funções e perceber se é a partir da mesma que iniciará vida profissional.

A comunicação traduz-se num processo social primário e de carácter elementar que, nos dias de hoje, tende a padecer de uma constante desvalorização. A frase de Charles Cooley desmistifica e sintetiza aquela é a mais importante tarefa do ato de comunicar: edificar e manter relações com o próximo. Uma relação assume múltiplas variantes: relação laboral, relação amorosa, relação de amizade, relação docente-aluno, relação familiar, entre outras. A particularidade conjunta e, conseqüentemente, o alicerce de todas estas formas de relação com o próximo estruturam-se através da comunicação e da ferramenta do diálogo. A não-comunicação e o relacionamento interpessoal são dois fatores de impraticável consumação.

No estágio que realizei, a comunicação com o orientador de estágio responsável pelo dossiê foi algumas vezes preterida por razões que adiantarei no decurso deste relatório. Como tal, radiojornalismo, antes de ser uma atividade de cariz informativo e centrada na divulgação dos acontecimentos da atualidade, é uma das inúmeras formas existentes de comunicação. Ora, servindo-me das palavras do sociólogo americano, posso afirmar que as relações e os laços estabelecidos entre nós, provavelmente, careciam de maior solidez e consistência, motivo que afetou indiretamente aquele que foi o

desempenho na primeira fase do período de estágio, – a estadia na Manhã Informativa da Antena 1 - dificuldades na escrita radiofónica à parte.

As questões pairam e absorvem o ser humano porque, se existe efetivamente comunicação, por que razão o entendimento sofre mutações até se tornar na sua própria negação? Muitas vezes, em diversas circunstâncias estendidas ao Homem, proferem-se ou escutam-se apenas um conjunto de palavras sem qualquer tipo de articulação, harmonia e equilíbrio. No estudo desta Ciência Social (Comunicação), visa-se inúmeras vezes a definição de “ruído” e as diversas formas que o mesmo pode assumir e a relação estabelecida com o orientador de estágio da entidade empregadora resvalou nesse estado de inépcia.

Parte Teórica

Capítulo I

As vantagens e os limites da rádio na era digital

A evolução tecnológica verificada a partir da década de 70 do século XX conduziu à formação de uma rede universal e informatizada que relaciona pessoas, organizações e monopólios. Da entrada no novo século resultou uma digitalização acelerada que envolveu, desde o início, as plataformas destinadas à propagação e disseminação da informação e, conseqüentemente, viabilizavam a comunicação entre os meios existentes e os cidadãos. A rádio, encarcerada na masmorra digital, acarretou novas vantagens e, por sua vez, novos limites enquanto veículo transmissor de mensagens.

Atualmente, a internet imiscui-se na maneira de pensar e fazer o jornalismo dada a profusão e pluralidade de conteúdos armazenada. Na rádio, o processo que implica a procura e a recolha de informações na rede apresenta inúmeras vantagens para a produção da notícia tais como: os jornalistas podem estar a par daquilo que foi ou não divulgado sobre determinado tópico; contactos rápidos e diretos com as fontes de informação e ampliação da rede onde as mesmas se inserem; facilita a demanda por dados necessários à pesquisa que se pretende efetuar através da consulta de arquivos públicos, bibliotecas de conhecimento e recurso a *sites* com notas e apontamentos fidedignos; a recolha de informação aparece em quantidade e variedade, sem despende muito tempo e incita ao trabalho de reportagem pelo facto de “obrigar” o jornalista a largar a redação e procurar “alimento” em locais fora da sua zona de conforto.

No cosmos digital, quando existentes, as falhas apresentam maior taxa de visibilidade ao invés daquilo que acontece no universo analógico. Por essa razão, captar um áudio límpido e com o menor teor de ruído revela-se, quase sempre, uma tarefa hercúlea e com inúmeras preocupações a ter em conta. Os microfones, mesmo adaptados à realidade digitalizada, devem procurar e registar sons que não esbarrem na pouca qualidade que caracteriza o processo mais antigo de funcionamento da rádio.

Ao longo da revolução digital, a rádio tem aprendido a respirar com o oxigénio que a Internet lhe oferece. E tem sobrevivido, porque soube suprir as fragilidades e reaproveitá-las num formato que lhe dá, entre muitas outras coisas, uma imagem.

Del Bianco (2010) sustenta:

Os sons no rádio criam um mundo visual acústico. Esse poder de edificar imagens mentais poderá ser aguçado com a digitalização. (...) A qualidade sonora digital poderá ser uma grande aliada para os que decidirem pela criação de ambiência acústica mais rica, marcada por vários planos que atualmente são pouco perceptíveis pelo público do rádio analógico.

O objetivo primordial da rádio foi, desde cedo, erigir mentalmente um conjunto de imagens – resultantes num produto final que designo por imaginação através da voz - face aos acontecimentos que estão a ser reportados pelo locutor. Se as técnicas que auxiliam *o saber expressar* em rádio forem respeitadas por quem se situa defronte do microfone e dele faz usufruto para transmitir informação, reúnem-se as condições para conceber os “mundos acústicos” visados na citação presente no parágrafo anterior. A digitalização e a implementação das novas tecnologias na rádio contribuem para uma qualidade do som superior comparativamente àquela que é tida nos instrumentos de trabalho informativo mais rudimentares.

No panorama atual, a rádio também está munida de funções que permitem a pausa e o recomeço, a determinada altura, de qualquer programa que o ouvinte escute. Estas funcionalidades alteram, por completo, a forma de se fazer rádio e ouvir rádio pelo facto de o veículo que transporta o objeto informativo esbarrar na perceção em tempo real (ou seja, no tempo em que é escutada quando sintonizados com um aparelho que funcione através da labuta das ondas eletromagnéticas) e acelerar rumo à perceção em tempo não real (ou seja, através do recurso aos novos media e outras ferramentas semelhantes que permitam o escutar novamente a matéria pretendida).

Neuberger (2012) apud Carvalho esclarece:

A popularização dos podcasts como produção radiofônica descentralizada é uma referência do potencial da digitalização do rádio e sua intersecção com as demais mídias digitais (internet, televisão digital, palms, entre outros). A comodidade em poder captar, editar e publicar o conteúdo audiofônico de forma personalizada reforça o fenómeno podcasting, modificando o conceito do poder de emissão. O ouvinte pode alterar o fluxo de produção da mensagem sonora, descentralizando a emissão e recepção, tornando mais plural o contexto de produção e consumo dos conteúdos radiofônicos

Anteriormente à eclosão de todos os apetrechos digitais, quem não escutasse à primeira a mensagem transmitida por qualquer programa ou noticiário na rádio, perdia a explicação ou a novidade face ao contexto descrito, no máximo, só a recuperava com a repetição do conteúdo. Hoje, os *podcasts* ilustram um mecanismo capaz de eliminar os tais contextos de paralisia e estagnação ao nível do conhecimento. O seu advento dos restantes recursos áudio de função símile constituem engenhos que possibilitam um acesso livre, de baixo custo e sem olhar ao tempo de emissão.

A radiodifusão nunca poderá perpassar a linha que segrega o analógico do digital na sua totalidade. A utilização da voz é vital para a sobrevivência da rádio e a sua substituição pela tecnologia mais avançada existente no mercado apagará do mapa radiofónico a oralidade e o tom coloquial que urge ter em mente no interior de uma rádio. A rádio diferencia-se dos novos media e da televisão precisamente porque a imagem não integra os seus trâmites nem lhe faz a menor falta. No decurso da digitalização de que o ser humano está a ser alvo desde o início do século XXI, a tão falada “morte da rádio” pode ocorrer caso se relegue para segundo plano aquela que é a característica primária do universo áudio (o som) e se empunhe a imagem como pretexto para uma reconfiguração dos procedimentos e técnicas de comunicação que estão em voga.

Todavia, a era digital não se limitou apenas a potenciar a convergência da rádio no seu formato tradicional com as ferramentas capazes de o fazer entrar no mundo em rede. Como já tive oportunidade de mencionar anteriormente, as novas tecnologias encerraram em si uma proeminência da imagem enquanto elemento capaz de informar e a partir do qual se podem implementar práticas jornalísticas. A rádio ultrapassou há muito tempo o período em que se fazia ouvir nas casas das classes situadas acima do tecido social e económico de um país e o tempo em que as famílias se reuniam em torno de um aparelho para ouvir as notícias diárias: surge, pois, democratizada o suficiente para chegar a todo o género de ouvintes, sob diversos linguagens e maneiras distintas.

Atualmente, os funcionários de uma rádio necessitam de estar habilitados a lidar com outros campos que não pertencem ao tradicional áudio. Convertidos a este novo universo, urge aos profissionais que desempenham a atividade radiofónica modificar procedimentos e condutas naquilo que à sua maneira de trabalhar concernia até à eclosão e ao firmar dos novos media na sociedade. Hoje, a tarefa de um profissional de rádio passa

pelo saber utilizar o texto e a imagem (fotografia ou vídeo) e saber conjugá-lo com a postura que a rádio deve dispor nas plataformas digitais, tendo em vista uma forma de comunicar que aponte na direção da simplicidade, da clareza informativa e da coloquialidade.

No digital, a rádio assegura uma especialização contínua e dos funcionários que congrega e, por este motivo, torna-se fundamental que estes últimos aprofundem os múltiplos tópicos que compõe a cobertura das suas áreas de interesse e adquiram de forma constante conhecimentos ao nível das matérias estudadas. Este episódio é o corolário de uma programação cada vez mais especializada e dirigida a um grupo específico de ouvintes, como explica Meditsch (2010):

A segmentação de audiência não representa um problema em si, e poderia ser utilizada como um extraordinário instrumento de democratização, levando informação e conhecimento em linguagem apropriada a despertar o interesse dos mais diversos grupos humanos às questões fundamentais para o exercício da cidadania. (...) Majoritariamente, no entanto, o que se vê é o uso da segmentação direcionado apenas à lógica publicitária.

A rádio nos dias de hoje: um concílio digital

A rádio, enquanto veículo de comunicação e de informação, esteve envolvida em diversas transformações desde o seu advento e génese até aos dias de hoje, experienciando inúmeras fases de transição. A conceção de um estado de perecimento deste meio de comunicação verificou-se, pelo menos, em duas ocasiões bem distintas e devidamente espaçadas no tempo: 1) a partir do momento em que a televisão quebrou as barreiras demográficas, sociais, culturais e políticas das sociedades da época e passou a ser uma ferramenta de fácil acesso ao maior número de pessoas possível e 2) o surgimento da internet e dos chamados novos media que possibilitaram uma revolução na maneira de comunicar e de transmitir a mensagem informativa.

O final do século XX e o início do século XXI marcaram a primeira vaga de uma revolução digital que perfurou a modorra em que a comunicação repousava porque o *online* passou a requisitar espaço no processo informativo e a ser complemento para a forma de pensar e transmitir a informação. Hoje, a rádio agrega ao seu formato tradicional as particularidades de um mundo em rede, pertencente a um ciberespaço, pelo facto de as inovações tecnológicas neste campo lhe conferirem a capacidade de se desdobrar em múltiplas plataformas e de enunciar novos contextos ao nível da narrativa e ao nível do discurso. Atualmente, fazer rádio também requer uma preocupação interativa, hipertextual, multimediática.

Deste modo, Cordeiro (2005) afirma que:

A introdução de sistemas multimédia vem alterar a natureza da rádio, podendo transformá-la de tal forma que nos obrigue a reequacionar o conceito, questionando a validade da definição do que é a rádio e a sua comunicação. O estilo hipermediático agora utilizado recorre a quase todos os recursos da comunicação em rede, fazendo distinguir os meios de comunicação modernos entre outros aspectos, pela interactividade, hiperligações, personalização e actualização constante.

Ao contrário do que era propalado por diversos académicos e restante *intelligentsia* e apesar de ter causado alguns constrangimentos no normal funcionamento da rádio – componente hertziana – é erróneo assumir que a Internet participou ativa e diretamente no homicídio da rádio. O universo digital limitou-se a recuperá-la, a

transformá-la à sua maneira e a servi-la consoante os traços de personalidade que lhe queria atribuir. Se antigamente se acompanhava a rádio enquanto se conduzia ou enquanto se estava junto ao aparelho físico, atualmente podemos acompanhar uma determinada emissão através de telemóveis, de mp3 e mp4, das redes sociais, da televisão, entre outros. A linguagem padece de modificações, bem como a maneira de se distribuir a rádio enquanto produto. Contudo, nos dois espaços inicialmente conflituantes, subsiste o cuidado pela primazia que se deve destinar ao áudio e à criação de uma sonosfera (atmosfera sonora) agradável ao ouvinte.

Os meios de comunicação, dos tradicionais aos digitais, sempre privilegiaram a rapidez com que a informação se processa e se transmite e a eclosão dos novos media e a sua convergência e imposição no meio do som permitiram à rádio adentrar pelas portas da instantaneidade e da constante atualização informativa. No mundo de hoje, a título de exemplo ilustrativo, qualquer pessoa que procure avanços sobre a Guerra na Ucrânia, acede à Internet, delinea a pesquisa excluindo aquilo que já ouviu – no caso da rádio – e obtém novas informações nos *websites* das rádios nacionais ou locais. Estas plataformas, a par da programação que cada rádio rege para si, representam uma parte da imagem que a rádio exhibe no século XXI.

A utilização das redes sociais enquanto recurso para modernizar as formas de comunicação, além daquilo que já foi referido anteriormente, está munida de diversos mecanismos: uma reprodução ilimitada de publicações através da partilha nos *feeds* de notícia ou com amigos, de um fórum aberto a todas as pessoas que acompanharem, “seguirem” e “gostarem” da página da instituição com o intuito de depositarem comentários e opiniões face à notícia em questão e de reagirem, com a linguagem *emoji*, àquilo que se apresenta aos seus olhos.

Quadros (2013) sintetiza:

O usuário já não se contenta com poder acessar a informação atualizada, agora exige poder fazer algo com ela: comentá-la, avaliá-la, enviá-la a filtros sociais (como Digg ou Menéame), guardar o link em seus favoritos on-line (Delicious), enviá-la por correio eletrônico a um amigo, compartilhar o link em sua própria rede social ou republicar e comentar a notícia em seu blog. (Quadros, 2013, p.111)

Capítulo II

Secção Desporto: a eterna pedra no sapato do jornalismo

A discussão acerca da designação de “jornalismo desportivo” é antiga. O desporto distancia-se um pouco daquela que compõe a atualidade e o panorama informativo porque adentra no capítulo do espetáculo. No jornalismo e nas próprias redações, a distinção é notória e vincada. O entrave em torno da legitimação do jornalismo desportivo ocorre porque lhe estão frequentemente práticas pouco ortodoxas segundo os trâmites e preceitos que moldam a utopia na qual a atividade vive e é assombrada pelo balizar dos conceitos de verdade e imparcialidade. O jornalismo carece de objetividade e do máximo de rigor e esse facto mostra-se unânime na classe. Contudo, esta editoria parece não sair da senda da controvérsia e da espetacularização do teor informativo.

Guerra apud Júnior (2015) define desta maneira o que entende por jornalismo desportivo:

Jornalismo esportivo é uma atividade, uma editoria dentro do jornalismo, que tem a sua história marcada, primeiro, por um preconceito envolvendo a atividade, como se fosse uma atividade menor e que, aos poucos, foi se consolidando como um espaço cada vez mais legítimo e importante da prática de todas as teorias de Comunicação, com elemento, um componente diferencial, que nós lidamos com a paixão, lidamos com a emoção. E, por conta de lidarmos com emoção e com paixão, o jornalismo esportivo ganha um impacto e uma projeção muito maior no público do que qualquer outra editoria, porque você mexe com aqueles que torcem a favor e torcem contra e, por conta disso, isso acaba causando sempre um impacto maior. Então, eu acho que o jornalismo esportivo é, acima de tudo, o exercício profissional feito com paixão.

A emotividade e o “excesso de romantismo” em torno de algumas práticas ligadas à editoria são arremessadas pelos teóricos críticos enquanto se afirma que o Desporto constitui apenas uma viela escura que mescla entretenimento e informação oriunda de um universo que rende milhões de euros. Na opinião de alguns académicos como Teixeira (2011), “o dramatismo, retira objetividade, característica considerada essencial para o jornalismo” assim como “a presença assídua de um discurso bélico, com a aparente necessidade de identificar “os bons” e “os maus”, parece estruturar o discurso jornalístico em torno de uma guerra aberta.

Outro aspeto a salientar e que atrai a editoria para uma atividade jornalística envolta em polémica é o enfoque dado ao futebol e a todas as restantes modalidades desportivas. Se uma pessoa na qualidade de ouvinte de rádio atentar numa síntese desportiva ou num noticiário desportivo, facilmente percebe a importância que o futebol adquire nos amantes de Desporto e no imaginário coletivo da sociedade. Na Europa, o futebol é considerado “desporto rei”, hábil a protagonizar a movimentação de milhões de pessoas e um modelo de negócio extremamente lucrativo e o jornalismo desportivo alimenta-se e abastece-se frequentemente desse formalismo. Consequentemente, as outras modalidades desportivas acabam relegadas para segundo plano e veem a sua influência diminuída nos espaços destinados à informação.

Lopes apud Júnior (2015) apresenta uma opinião algo distinta da que possui Guerra:

Jornalismo esportivo, do meu ponto de vista, é aquilo que de uma forma geral é dito sobre o esporte nos mais diversos veículos e meios de comunicação. Se pegarmos o que está na chamada grande imprensa, hoje em dia, jornalismo esportivo é basicamente futebol, porque basicamente é aquilo que tem visibilidade nos meios de comunicação. Uma outra questão é aquilo que, na minha opinião, deveria ser o jornalismo esportivo. Já que ele é futebol e basicamente se configura como espaço de entretenimento e lazer. Evidentemente, do meu ponto de vista, seria interessante ocorrer uma diversificação e mais do que isso, houvesse algo além da politização, porque a própria despolitização é uma forma de politização – mas seria interessante configurar esse espaço, não só da leveza, do entretenimento, mas configurar esse espaço de tal modo para que ele seja utilizado para que possamos pensar os significados e as funções sociais do esporte na sociedade contemporânea.

O motivo pelo qual o jornalismo desportivo é debatido acerrimamente prende-se com o facto de constituir uma operação que se rege por padrões objetivos e regulamentados por uma ética e deontologia específica (a atividade jornalística) que atua num meio profundamente subjetivo e dimensionado para o extrapolar de paixões e sentimentos algo exacerbados. Muitas vezes, em relatos feitos a partir de uma cobertura de um jogo de futebol no estádio, é questionado o ímpeto com que a pessoa incumbida daquele trabalho vocaliza a materialização de uma jogada de perigo (vulgarmente

designado por “golo”) e o entusiasmo que é produzido em torno desse mesmo acontecimento. Em detrimento daquilo que illustrei no parágrafo anterior, nos estádios de futebol e restantes recintos desportivos, segregar a emoção envolvente e vivida pelo público afeto às duas equipas da tarefa que um profissional de rádio - nomeadamente a pessoa responsável pelo relato- executa compreende uma tarefa altamente complexa.

Para Chaparro apud Júnior (2015), o maior desafio do jornalismo desportivo traduz-se no choque com as exigências éticas e técnicas da profissão quando aplicadas ao ambiente sociocultural em questão:

O que é importante é você levar para o esporte o jornalismo, com todas as suas exigências éticas, técnicas e culturais, porque é isso que interessa ao esporte: usar e ter o que usar, uma linguagem confiável, e o jornalismo é, se for respeitado como linguagem, e ter também no esporte, um ambiente que seja um (ambiente do) espaço público dos conflitos. O jornalismo para o esporte é também o espaço público dos conflitos: as coisas acontecem não (apenas) no estádio. Acontecem à medida em que o jornalismo socializa os discursos do embate.

Ainda existe uma particularidade sobre os jornalistas desportivos que pretendo destacar. Ao contrário do que alguns críticos promulgam e advogam, a contínua aprendizagem e estímulo do conhecimento sobre o mundo do Desporto revela-se premente. Independentemente da modalidade que visemos nestas linhas, as regras que lhe estejam grafadas alteram-se com frequência; além disso, as regras das competições que compõe essas mesmas modalidades também se modificam em ocasiões. No fundo, o trabalho do jornalista desportivo requer noções profundas e a competência no domínio de formalidades específicas de cada modalidade, não olvidando a elementaridade de certos factos que constituem bases para muitas notícias.

Parte Prática

Capítulo I

Caracterização do local e do ambiente durante o estágio

A redação da Antena 1 em Vila Nova de Gaia está dividida em duas secções: Informação e Desporto. As duas editorias utilizam uma sala comum para, diariamente, trabalharem e organizarem as suas agendas. O espaço destinado à redação da zona Norte contém ainda uma pequena sala que possui aspeto de escritório e que é ocupado pelo Coordenador da Redação da Antena 1 – o jornalista António Jorge, orientador do meu estágio – e está munida de equipamento para a gravação de peças e papéis radiofónicos. Segundo as informações fornecidas, a sala exígua é utilizada quando os restantes espaços de gravação estão ocupados e determinado jornalista tem urgência em dar voz ao seu trabalho.

Ao longo do corredor do piso térreo do edifício do Monte da Virgem, segue-se, do lado direito a sala ocupada pelos técnicos de som, a régie onde o material informativo em formato áudio é trabalhado, ajustado e salvaguardado pelos técnicos de som que realizam a emissão de determinado programa/noticiário e um estúdio onde são gravados os noticiários da manhã e as sínteses, quer informativas, quer desportivas. Do lado esquerdo, a sala onde estão reunidos os produtores da programação do conteúdo informativo da Antena 1 e de programas como o Portugal em Direto e, em frente, um estúdio de gravação mais pequeno que normalmente é utilizado para gravação de voz.

Na sala onde a equipa de redação da Antena 1 se junta estão ligadas quatro televisões em estações distintas de modo a acompanhar, numa plataforma que não a internet, a atualidade informativa e aquilo que acontece no globo. Um destes quatro aparelhos está conectado com um dispositivo de captação de áudio pelo facto de, aquando da realização de uma peça para rádio, serem imprescindíveis declarações sobre um determinado tópico e não ser possível recolhê-las no local, de forma presencial e direta. Os designados “acontecimentos de última hora” motivam a adoção desta técnica, bem como acontecimento mais moroso e com diversas declarações passíveis de interessar e

servir de alimento a um trabalho radiofónico. No caso dos jornalistas de rádio pertencentes à secção do Desporto, grande parte das conferências de imprensa dadas pelos treinadores de futebol aquando do antecipar ou do rescaldo de uma partida são gravadas a partir dessa ferramenta com o intento de serem analisadas e trabalhadas para peças futuras.

Não quero correr o risco de olvidar a menção do ambiente que vivi na redação da Antena 1 em Vila Nova de Gaia durante o período em que lá estagiei (de setembro de 2022 a dezembro de 2022), tanto na fase em que colaborei com a parte da Informação como na fase em que “me transferi” para a editoria de Desporto. Em jeito de confissão e de um modo geral, relativamente a novas práticas e intromissão em novos mundos, não correspondo ao tipo de pessoa que cria expectativas ou constrói realidades com elevadas doses de fantasia pelo facto de preferir ser surpreendido com o urgir do tempo e com as pessoas que comigo se relacionam. Neste parâmetro, a experiência não podia ter tido melhor fim. Entre as duas editorias reinou a entreajuda, a cordialidade, o respeito pelo próximo e pelo trabalho que ele desempenha e a preocupação com os elementos mais imberbes e, por sinal, mais inexperientes que frequentavam a redação.

Na equipa que integrava a Manhã Informativa da Antena 1 (Manha 1), todos se mostraram disponíveis para me transmitirem os ensinamentos e os conselhos profissionais e pessoais que consideravam ser adequados à realização do estágio. As jornalistas Rosa Azevedo e Eduarda Maio foram incansáveis na minha orientação sempre que o tempo livre o permitia e quando António Jorge se ausentava. Entre muitas conversas elucidativas acerca da prática do jornalismo radiofónico, ensinaram-me técnicas que foram extremamente úteis ao desenlaçar de algumas dúvidas que mais adiante deslindarei.

A postura da editoria de Desporto relativamente ao meu auxílio foi idêntica e, em certos aspetos, mais frutífera sob o ponto de vista da aprendizagem da prática radiofónica. Os jornalistas Ricardo Pinheiro e Cláudia Martins, estimularam desde o início da convivência o meu olhar crítico sobre as peças e noticiários que acabamos por construir e semearam na minha perceção a importância que um bom som (som limpo, sem ruído e com clareza na transmissão da mensagem) assume na rádio.

Existiu, ainda, uma atitude que me deixou perplexo no sentido mais positivo: convívios efetuados com relativa frequência entre membros da mesma editoria – quer no Desporto, quer na Informação – para os quais foi solicitada a minha presença. Esta ação

levou-me a pensar na simplicidade e naturalidade que é demonstrada aquando da interação com os estagiários.

Apreciação crítica do estágio realizado

Nas viagens de comboio que efetuava da estação de Vizela com destino à estação de Porto São Bento nas (ainda) madrugadas outonais, fiz-me sempre acompanhar por livros. Diariamente, a leitura consumia a duração da viagem (por norma, uma hora e escassos minutos). Aquela era, a bem dizer, o momento destinado a viajar por entre mundos aparentemente desconexos com a realidade e uma evasão daquela que seria a rotineira – apesar de apazível – tarefa que me estava incumbida: pegar em notícias de jornal ou de *websites* e transformá-las em papéis radiofónicos ou, na melhor das hipóteses, em peças radiofónicas, caso tivessem sido captados os sons necessários à sua construção.

Um dos livros que mais prazer me deu folhear as suas páginas enquanto o veículo que se deslocava sobre os carris nacionais se apinhava de gente foi *A Estepe* de Anton Tchekhov. O escritor russo conduz o leitor ao estado mais figadal de autorreflexão, impelindo-o a uma introspeção sobre, entre muitas outras temáticas, a solidão e relação inter e intrapessoal à medida que delineia a descrição das paisagens bucólicas e as tempera com densidade e a profundidade características da sua narrativa. Aproveitando uma breve contextualização sobre um dos seus livros mais aclamados e a pesquisa que posteriormente efetuei sobre o autor, trago para esta subdivisão do relatório de estágio uma das frases que inscreveu uma pegada na minha memória e que serviu de mote à apreciação crítica que inscrevo nas seguintes linhas: “O conhecimento não serve de nada, a não ser que seja colocado em prática”.

Nos primeiros dias de estágio, recorro o sentimento aterrador que me preenchia a alma. Adentrar num mundo que me pareceu tão distante – sem ter em conta os escassos números de anos que tinha até desempenhar uma atividade profissional – pelo facto de ainda ser (e me ver como) um estudante universitário causava em mim um breve incomodo e uma amálgama de desassossego e euforia silenciosa. Preso às inquietações estava o receio de falhar redondamente assim que fosse colocado à prova e de não agradar as pessoas responsáveis pela avaliação de todo o processo. Contudo, mal senti a luz verde

que sinalizava o à-vontade oriundo dos colegas de redação que comigo contactavam, todas as formas de nervosismo desapareceram.

Mal firmei o acordo com os jornalistas Miguel Soares e Miguel Bastos acerca da equipa que integraria e das funções que iria exercer na Antena 1, tratei imediatamente de procurar forma para me deslocar de Vizela a Vila Nova de Gaia no menor tempo possível. Como não dispunha de viatura particular nem – à altura – possuía carta de condução, estudei as duas possibilidades mais económicas e menos demoradas, tendo em conta a carga horária que me tinha sido proposta: comboio e autocarro. Optei pela primeira e tracei o percurso diário rapidamente. Deslocava-me de comboio da estação de Vizela à estação de São Bento (Porto) e, aí, apanhava o metro em direção a Santo Ovídio, paragem na qual saía; depois, até aos estúdios da RTP, fazia uma pequena caminhada com duração aproximada de 8-10 minutos.

Com o desenrolar da nova experiência, depreendi rapidamente que o seu aproveitamento nunca seria pleno e absoluto na medida em que a labuta diária da Manhã Informativa da Antena 1 encetava às 5h da manhã e terminava ao meio dia. Ora, durante o período em que me imiscuí na Manhã 1, apanhava o primeiro comboio do dia às 05:53h, veículo que terminava a marcha - geralmente e sem atrasos ou situações de greve da entidade Comboios de Portugal (CP) - volvida uma hora e cinco minutos; às 06h58, deslocava-me rapidamente para o piso subterrâneo da estação Porto São Bento e aguardava cerca de 10-12 minutos pelo próximo metro; após entrar no metro, por volta das 07:10h, demorava os 15 minutos da viagem até sair na paragem mais perto dos estúdios situados no Monte da Virgem mais 8 a 10 minutos até encontrar a sala onde se reunia a redação da Antena 1 e começar, por fim, a atuar nos trâmites pretendidos.

Em suma, desde que saía de casa até estar definitivamente a operar no estágio não “perdia” somente duas horas. Falhava a preparação e a edificação de dois noticiários radiofónicos - 7h e 8h - embora assistisse à locução do último. Sob o prisma da aprendizagem do trabalho jornalístico que tenciono exercer futuramente, esta incompatibilidade horária que surgiu na primeira parte do estágio que realizei revelou-se pouco fecunda e ineficaz uma vez que nunca pude acompanhar as diretrizes e todas as técnicas e metodologias com que a equipa da Manhã Informativa da Antena 1 abordava

as notícias que chegavam à redação através dos velhos media (jornais nacionais diários em papel espalhados pelas secretárias) e novos media (websites a complementar as notícias avançadas pelo tradicional e, simultaneamente, a fornecer atualizações e avanços sobre as matérias em questão). Embora assistisse à planificação e construção dos noticiários seguintes - 9h e 10h – notava sempre uma falha de perceção pessoal ao nível da mecânica do processo de seleção das notícias que compunham o noticiário e do seu arranjo precisamente pelo facto de o sustentáculo da cronologia informativa do dia já começar a ser delineada a partir das 5h da manhã e de os noticiários visados, apesar de aplicadas algumas alterações no conteúdo, seguirem a mesma lógica e repetirem a sequência a princípio delineada.

Um aspeto a merecer evidência e a ser declarado como aquisição de autoconhecimento consistiu no facto de, desde que encetei o estágio, dirigir grande parte da minha preocupação para a escrita radiofónica e o cumprimento dos protótipos dados quer aquando do lecionar da cadeira de Rádio (durante a licenciatura em Ciências da Comunicação) quer do captar das dicas oferecidas pelos colegas de redação ao invés de conferir primazia ao aspeto sonoro e de o entender em toda a sua plenitude no âmbito da área em questão.

Em primeiro lugar e em relação a este tópico, pretendo afirmar que, simultaneamente à conclusão da formação superior que obtive e muito antes da minha infiltração na Manhã Informativa da Antena 1, tive a oportunidade de penetrar o mundo do jornalismo – ainda que académico – e em páginas onde lograva a possibilidade de colaborar através de opiniões, crónicas, entrevistas e reportagens. Como tal, desde muito cedo adotei um estilo de escrita próprio e vincado. Por conseguinte, sempre que transpunha a informação contida nos jornais em papel ou *websites* para os padrões “exigidos” no jornalismo radiofónico, surgiam algumas dificuldades: revisão exaustiva do papel ou peça que estava a ser realizado com mudança da ordem das frases e, dentro das próprias frases, alterações de palavras para que soasse o mais direto, simples e conciso ao ser gravado. Inconscientemente, por vezes, não seguia a estrutura morfológica habitual das frases (sujeito + predicado + complementos) e tentava “adornar” ou “embelezar” uma notícia de rádio quando esse não era nem nunca tinha sido o maior propósito em rádio.

Em segundo lugar, clarificar algo que se torna impensável não mencionar. Só pude compreender o valor e a dimensão em torno do som quando me transferi da Manhã Informativa da Antena 1 para a editoria de Desporto pelo facto de aí ser obrigado, face ao

número reduzido de membros integrantes daquela equipa e à metodologia de trabalho usada, a cortar os sons que iriam ser incluídos nos noticiários a partir das declarações em estado bruto. Quando acompanhado de Cláudia Martins e/ou de Ricardo Pinheiro, ambos trabalhávamos o material sonoro e, findo os cortes que considerávamos necessários, comparávamos o que cada um tinha realizado. Este processo revelou-se vantajoso naquilo que ao meu conhecimento concernia na medida em que me auxiliava a encontrar os pontos fulcrais que eram abordados e aquilo que se afigurava mais impactante e cumpridor dos critérios de noticiabilidade. Em contrapartida, quando integrava a formação da Manhã 1 e de maneira a “não perder mais tempo”, só me limitava a repescar de qualquer pasta o som já arranjado e pronto a ser utilizado e a colocá-lo na peça que entretanto escrevia: este método retirava-me – em parte – capacidade de análise e de juízo crítico sobre as diversas temáticas porque cada profissional de radiojornalismo manuseia os RM’S (termo que designa “som” na rádio) à sua maneira contanto que respeite os princípios que regem a escrita jornalística e a apliquem ao meio no qual exercem as funções. Ou seja, ao empregar nas peças que escrevia sons que outro colega tinha trabalhado estava a adulterar aquilo que eu próprio produziria uma vez que o corolário noticioso variar de pessoa para pessoa.

Independentemente do resultado final das peças e papéis radiofónicos que fabricasse,urgia adentrar para um estúdio de gravação e dar voz àquilo que outrora tinha escrito. No tipo de meio de comunicação em que atuava, não faria outro sentido senão transformar em áudio as notícias anteriormente trabalhadas. Conforme o período de estágio se encaminhava para o término, o preceito que balizava “a preocupação em realizar o maior número diário de papéis e peças radiofónicas” deixou de o ser: numa fase inicial, os papéis e as peças que consumava eram gravados quase à velocidade da luz dado que um dos meus objetivos se prendia com o facto de gravar o maior quantidade de notícias para adicionar a um espólio criado e, desse modo, exhibir ao orientador de estágio responsável; porém, à medida que os ponteiros do relógio operavam o seu normal funcionamento, esse grau de preocupação diminuiu e foi substituído pelos cuidados e precauções a encerrar sempre que me aproximasse do microfone

Analisados sob o ponto de vista da percepção auditiva e sob a fluidez com que as palavras deviam ser repercutidas, os primeiros trabalhos que efetuei na Manhã Informativa da Antena 1 mostraram-se defeituosos. A menos que tivesse adquirido anteriormente prática e experiência ao nível da locução, as primeiras notícias gravadas

careciam de muitos aspetos técnicos evidenciados num profissional de rádio, de maneira mais ou menos evidente e considerando o estilo que cada um adota em rádio. Uma das maiores dificuldades que encontrei e tentei suplantar foi o facto de conjugar – em certos casos - a densidade textual que caracterizava algumas matérias abordadas e a dicção límpida e cristalina desse corpo de texto massificado.

Como já referi em parágrafos anteriores, as minhas dificuldades iniciais ocorreram ao nível da escrita e, em rádio, essa mesmas dificuldades traduzir-se-iam em contrariedades assim que as transpusesse para o microfone.

Contudo, outras razões goraram a nitidez das palavras que ali expressavam e perturbavam a audição de um possível ouvinte de uma das rádios mais ouvidas de Portugal, caso a minha peça fosse para “O AR”: sobretudo o facto de, em alguns casos, omitir ou olvidar termos que faziam parte de uma narrativa específica - e que, sem a sua vocalização, tornava ainda mais complexa a tarefa de um hipotético ouvinte compreender aquilo que era abordado – pelo exercício de uma leitura muito rápida e o facto de não estar habilitado a conferir o enfoque na parte da notícia que carece de estímulo com a finalidade de provocar impacto no ouvinte e utilizar o mesmo timbre na totalidade da notícia.

Um dia, em conversa com (e graças ao) o jornalista António Jorge (orientador da empresa empregador) acerca das dificuldades que assolavam o meu progresso profissional, passei a entender de forma menos nublada a “leitura que deve ser aplicada em rádio enquanto não se tem experiência”. Se me tivesse sido dada só mais uma palestra com uma profunda dissertação e teoria sobre o uso da voz em rádio, provavelmente ainda não tinha compreendido e tomado as devidas precauções que me foram ensinadas pelo visado. A meu ver, a grande diferença consistiu no facto de António Jorge ter estado a transmitir diretivas que tentei seguir à risca a partir da sala de apoio técnico e ter estado comigo em estúdio a exemplificar aquela que achava ser uma maneira simples de “moldar” e habituar certos hábitos que, até aí, possuía.

A partir desse momento, munindo-me dos ensinamentos que tinha apreendido, esforcei-me por aplicá-los sempre que fabricava um papel ou uma peça radiofónica. Daí, surtiu um problema de somenos e resolvido pela vibração/ sensação causada: em alguns casos, encetava a gravação do trabalho que estava a fazer e, quando findava, reiniciava a mesma tarefa mais duas ou três vezes com o simples propósito de, quando fosse editar e

montar a parte sonora, ter opção de escolha sobre qual o áudio mais coerente e harmonioso a utilizar.

Ainda à volta do som e embora o destaque seja direcionado para a montagem da trilha sonora e não para o trabalho de recolha, pretendo destringer e expor mais dois pontos de vista. O primeiro ângulo que pretendo diz respeito ao facto de, muitas vezes, não subsistir outra solução que não a da recolha de informação via virtual ou à distância de um telefonema. Contudo, moram na minha sagacidade algumas reticências e inseguranças sobre o aproveitamento e posterior inclusão da gravação de chamadas telefónicas no trabalho desempenhado em rádio. Se atentarmos no levantamento de informação que é feito a partir do trabalho de jornalistas – eu diria cerca de 45% do som que perpassa a frequência da Antena 1 – rapidamente notamos que perto de metade dos áudios empregues em trabalho jornalístico correspondem a chamadas telefónicas. Ora, sob o prisma da qualidade sonora resultante do trabalho de investigação e análise inerentes à atividade profissional em questão, as chamadas telefónicas limitam e prejudicam a compreensão do ouvinte, independentemente da matéria estudada. Face à impercetibilidade que a gravação áudio suscita na maioria das vezes - nomeadamente em contextos de má ligação entre a pessoa requisitada e a linha de rádio - muitos dos RM'S que se extraem do bruto do diálogo estão repletos de ruído oriundo de supressões e paragens e retomas súbitas de som (fator que impossibilita, por vezes, a compreensão do próprio jornalista) e, por essa razão, inaptos a integrarem uma peça radiofónica.

O juízo supracitado conduz-me ao segundo ponto: a diferença abismal notada entre um som emitido a partir de uma chamada telefónica e um som proveniente do local onde se desenrola a realidade que o jornalista pretende captar. Como já fiz notar anteriormente, durante a minha estadia na Manhã Informativa da Antena 1, tive a oportunidade de acompanhar colegas jornalistas na recolha de informações para produzir conteúdo jornalístico variado, desde reportagens com duração aproximada de cinco minutos a peças radiofónicas com a duração de um minuto e meio. Nessas ocasiões, pude comprovar a importância e a elementaridade da salvaguarda daquilo a que em rádio se designa por “sons do direto”: a utilidade de um quantum e um microfone é superior comparativamente ao recurso às chamadas telefónicas e à gravação áudio a partir desse

método e um jornalista, em rádio, está impelido por natureza e sempre que assim seja possível e viável, fazer-se acompanhar desses dois amigos. Um exemplo ilustrativo da situação que aqui relato foi a visita à pastelaria Itaipú no Porto, conjuntamente com o jornalista Diogo Pereira. Na reportagem realizada, os sons que concernem as declarações utilizadas pelos proprietários do estabelecimento e pelo engenheiro aeronáutico, para além de captarem a ambiência e o meio que nos envolvia, eram “puros” e não sofreram qualquer tipo de processo capaz de os adulterar (a edição do áudio resume-se ao corte das partes “desnecessárias”). Ora, a meu ver, esta conjugação de fatores torna o trabalho radiofónico mais consistente e mais credível. Credibilidade essa que, nos dias que correm, está reiterada e constantemente ameaçada.

No tempo de estágio realizado na Antena 1 perduraram alguns elementos que motivaram o meu desagrado e que lascaram a experiência vivida. Antes de os explicar devidamente, devo dizer que com o relato que farei não pretendo ferir suscetibilidades nem atribuir culpas a nenhuma das partes envolvidas. Como tinha deslindado anteriormente, o orientador de estágio António Jorge ausentava-se por motivos essencialmente laborais durante a minha estadia neste órgão de comunicação social. Fruto da responsabilidade que o jornalista encerrava (e encerra) em si, o tempo escasseava quando tinha intenção de reunir com o propósito de expor dúvidas ou de mostrar o trabalho que tinha efetuado até então. O coordenador de Informação da Antena 1 tem como função orientar toda uma equipa de redação e definir – com o auxílio desta, evidentemente – os caminhos e as diretrizes pelos quais a comunicação deve assentar o seu foco. Além disto, cabe-lhe a apresentação da Antena Aberta: um programa de periodicidade quase diária que exige a preparação de uma espécie de guião com algumas questões sobre matéria a designar pelo facto de se tratar de um debate que se estende ao público através da ligação da linha telefónica.

Ora, o facto de o acompanhamento não adentrar por uma senda de constância ou de período definido obrigava-me a “trabalhar” a um ritmo mais acelerado devido ao facto de não fazer ideia de quando seria o próximo encontro e, como tal, preparar um género de um dossiê que contivesse trabalhos prontos a serem avaliados e criticados. Esta antecipação deixava-me um pouco ansioso na medida em que sofria adiamentos que, muitas vezes, se mostravam sucessivos. Enquanto estagiava, perscrutei esta conjuntura de forma menos contraproducente e olhava para ela como sinónimo de maior liberdade de movimentos já que entregava os meus esforços à escrita de papéis e peças radiofónicas

que se traduziriam em maior empenho e sentido de responsabilidade. Esta postura que emanava revelou-se vantajosa até ser confrontado com o problema da escrita (quase não) radiofónica da qual me assenhoreava. Curiosamente, o colidir com esta realidade coincidiu com um dos períodos em que o jornalista António Jorge necessitou de se ausentar. Só na reunião que tivemos quando regressou é que me foram explicadas algumas “técnicas de simplificação” de escrita para rádio. Por acréscimo, também acabei por sentir alguns entraves no entendimento de algumas das suas mensagens/ conselhos e, por vezes, ficava com a sensação de que não tinha percebido aquilo que ele me tinha tentado transmitir, não sei se por falha na expressão se por falha na compreensão pessoal. Em certas ocasiões, denotava dubiez e alguma névoa em torno daquilo que me era transmitido porque raciocínio do orientador era perturbado por outros pensamentos: em resultado disso, o discurso acabava por não fluir e as instruções esvaíam-se num “desculpa, o que é que estava a dizer?”.

Na grande maioria das vezes, o profuso trabalho e a urgência de se reunir a equipa da Manhã Informativa da Antena 1 compreendeu um problema não consequente e complementar àquilo que declarei no último parágrafo. Como já referi na parte dos apontamentos descritivos, na ausência do orientador António Jorge, fiquei ao encargo do jornalista Miguel Bastos (nos primeiros três dias de estágio) e, posteriormente, dos jornalistas Rosa Azevedo e Miguel Soares (assim que integrei a equipa da Manhã 1). Este último acumulava ainda o cargo de editor da Manhã Informativa da Antena 1, ou seja, um tipo de grau superior naquela que é a hierarquia existente numa redação de uma rádio. Por norma, de forma autónoma, antes de me sentar em frente ao computador, conversava com o jornalista e editor mal entrava nos compartimentos da Antena 1 de maneira a saber as matérias sobre as quais me podia estender enquanto ele ultimava o noticiário das 8h. Face à premência do trato das notícias, as indicações eram dadas com prontidão e, por vezes, de forma muito ligeira e superficial. Esta sucessão do mesmo acontecimento provocou no meu trabalho – indiretamente – um certo grau de insegurança e incerteza: qualquer estagiário, principalmente no começo da sua estadia na empresa escolhida, denota fragilidades ao nível das rotinas e das dinâmicas de trabalho e possui pouco à-vontade no trato com os restantes colegas de equipa; logo, quando surgia uma dúvida ou uma questão que achasse pertinente impor, mesmo sem exhibir vergonha ou comodismo, não a conseguia colocar porque as pessoas que supracitei estavam ocupadas com os seus afazeres.

Sumariamente e sem pretensão de atribuir culpas, considero que o meu estágio também ficou marcado pela parca orientação e pela incompatibilidade natural entre as tarefas que um estagiário desempenha e as funções que os colegas de redação exercem.

Outro elemento que julgo importante sinalizar e questionar tem que ver com a parte – se calhar - mais burocrática do protocolo estabelecido entre a Universidade de Coimbra (UC) e a Antena 1 e os próprios trâmites administrativos da empresa empregadora. Provavelmente, este até um aspeto que, ao invés de se relacionar com o conteúdo do estágio, se relaciona com a estrutura e a forma no qual ele foi arranjado. Contudo, na minha maneira de entender a experiência que constituiu (e constitui) um estágio curricular, merece alusão negativa.

Começo por afirmar que, numa apreciação global, gostei imenso da minha estadia na Antena 1. Quando saí das instalações no último dia, regressei a casa com o sentimento de que tinha honrado o compromisso que assumi e que saía dali uma pessoa com uma visão um bocadinho mais periférica e panorâmica daquilo que era fazer parte de um meio de comunicação social nacional e público. Porém, em simultâneo, aquilo que ali tinha vivido e gozado tinha – como se profere na gíria e o intérprete Sérgio Godinho bem aproveitou – sabido a (muito) pouco. Na viagem de comboio até à estação de Vizela, inteirou-se de mim a sensação de o estágio ter findado quando dele retirava o maior proveito que podia. A minha adaptação às práticas que regem aquela casa só registou valores mais elevados assim que me transferi da Manhã Informativa da Antena 1 para o Desporto, a 27 de outubro de 2022, ou seja, como já foi referido, somente no último dos três meses de estágio é que entendi questões sobre o som e a escrita que até essa altura me escapavam. Não sei até que ponto é que esse acontecimento contribuiu para que a opinião visada se formasse no meu intelecto, mas desconfio que tenha tido um papel decisivo. “O que é bom, depressa acaba” confere mais um adágio português que se aplica ao momento de conclusão do período de estágio. No que me diz respeito, a duração de três meses limitou em parte a nova experiência de um aluno que frequenta o segundo ano do Mestrado (2º Ciclo) em Jornalismo e Comunicação devido às circunstâncias exaustivamente aqui enumeradas.

Um fator que acrescento à “dissertação burocrática” – e este em nada se associa à Universidade de Coimbra (UC) – coincide com a impossibilidade de os alunos que

integram a redação da Antena 1 não estarem autorizados a dar voz às peças e papéis radiofónicos que fabricaram no período de estágio. Pela parte da entidade que emprega o ainda aluno, considero que situação só está a ser analisada e ponderada sob a mira da experiência e da capacidade que um aluno demonstra enquanto executa as tarefas em rádio. Que motivação encontra um aluno que reúne a pretensão (já antiga) de estagiar na rádio e tirar o melhor proveito do estágio quando se depara com a inviabilidade de escutar um trabalho seu a partir da emissão? Este cenário ilustra o que me parece ser, de forma geral, um dos grandes problemas que se infiltraram no jornalismo em Portugal: o medo de arriscar e de ser ousado. Um dia, em conversa com os restantes colegas de redação, disseram “não podemos arriscar ter um estagiário encarregue de uma peça ou um papel em rádio e lança-lo para a emissão de um noticiário”, eu inquiri a pessoa sobre o porquê daquela decisão ao que esta me respondeu dizendo “afeta toda a credibilidade da instituição e do trabalho jornalístico que aqui desempenhamos”. A frio, um tempo mais tarde, refleti e divaguei sobre aquele assunto e hoje ainda é o dia em que não estou capacitado para perceber em que medida o facto de dar voz a um estagiário afeta a credibilidade jornalística e o trabalho que os profissionais de rádio desempenharam até à data.

Sinceramente, olho para esta questão e respondo à mesma invertendo o juízo depreciativo automático. Na Antena 1, um dia, um jornalista da casa confidenciou-me que foi contratado para a empresa e que só ali tinha tido a primeira experiência no seio de uma rádio porque sempre colaborou com jornais impressos. Ora, que argumentação sólida e base teórica possuía a Antena 1 para dar voz ao jornalista em questão? Pouca ou nenhuma, é certo. Mas deu. É sabido que escrever para um jornal impresso e escrever uma peça ou um papel radiofónico são ações que, apesar de educadas pelo jornalismo, diferem em diversas técnicas e metodologias. Pergunto-me se existe muita disparidade entre esta situação e a situação do estagiário: voltando a reclamar a experiência e a maturidade comportamental em rádio, ambas as descrições apresentam semelhanças.

Nos tempos que correm, a discussão em torno do contrato e aposta nos quadros mais jovens pelas empresas em Portugal é imutável e perene e, conseqüentemente, de difícil resolução por pairarem em alguns setores de atividade mentalidades envelhecidas e vestidas pela tacanhez. Não considero que a atividade jornalística integre os setores mais prolectos da sociedade portuguesa, até porque grande parte das redações espalhadas pelo país padeceram, recentemente, de uma transformação ao nível do staff. Por esta

razão, estranhei quando fui “alertado” para o contexto vivido no interior da redação da Antena 1. Se tiver de utilizar a palavra “negativo” na caracterização das principais peripécias ocorridas no decurso do estágio, classifico este parâmetro como tal.

“O conhecimento não serve de nada, a não ser que seja colocado em prática”. Revisitando a frase que serviu de mote ao prólogo da apreciação crítica, entro agora no vestíbulo das aprendizagens subsequentes do estágio curricular realizado.

Numa primeira fase – colaboração com a equipa da Manhã Informativa da Antena 1 - o esteio de grande parte do conhecimento adquirido nesse período, contrariamente ao expectável “ver para fazer”, resumiu-se ao processo mais elementar de qualquer instrução: o da tentativa erro. Mal regressei do Teatro Nacional São João (relato do primeiro dia de estágio evidenciado no capítulo “Apontamentos descritivos”) na companhia da jornalista Cláudia Aguiar Rodrigues, lembro-me de me sentir inquieto quando a repórter, sorrindo, disse “agora, só falta transformar isto numa peça jornalística de 01:30min e já está”. Eu retribui o sorriso, gargalhei muito nervoso e acedi à missão proposta.

“Abres o computador, inicias a sessão com os teus dados, abres a aplicação Paradalet e começas a trabalhar. Transferes o bruto da minha pasta para a tua, abres uma via sonora e começas a cortar aquilo que te interessa. Não te excedas muito no tempo que te pedi”. Eu ouvi as instruções que a colega Cláudia Aguiar Rodrigues me forneceu e acenei com a cabeça. “Ah! Esqueci-me de um pormenor! Clicas na aplicação ENPS, abres uma caixinha de texto e vais escrevendo a peça. Uma linguagem simples, nada de muito elaborado”, rematou já de *headphones*. Como é evidente, segui tudo aquilo que me indicou e “abri pés ao caminho”. Resultado? Não consegui finalizar a peça naquele dia nem no seguinte.

Já tinha contactado e trabalhado com programas de edição de áudio, mas somente com o *Audacity*. Além do mais, como estava um bocadinho enferrujado por já não operar há algum tempo com a aplicação, o período de adaptação retardou. Nos primeiros dois dias de estágio, o *Paradalet* transformou-se numa espécie de insónia. Ora, conjugando os fatores acima mencionados, imagine-se as primeiras horas de um estagiário a querer acelerar sem sequer conseguir engrenar as mudanças. Não precisava de aprender tudo de uma vez, mas para montar uma peça radiofónica era necessário saber o básico: cortar um

RM à medida, introduzir sons ambientes no trabalho que fazíamos, eliminar tudo o que constituísse ruído, inserir *fade in* e *fade out* nas entradas e saídas no início e fim dos RM'S e aumentar ou diminuir o volume dos áudios caso fosse necessário.

Se me perguntarem se achei a atitude da jornalista Cláudia Aguiar Rodrigues, respondo que não encerro a menor dúvida. E, se me questionarem sobre aquilo que achei daquela atitude para comigo, respondo “ainda bem que assim foi”. Demorei a descobrir, por exemplo, que a seleção do áudio que queríamos cortar era feita com o botão direito do rato assim como demorei a acertar os momentos nos quais queria parar a gravação para extrair aquilo que não me interessava: a ferramenta “Zoom” era regulada pelo mecanismo do rato que detém a funcionalidade “scroll” e eu fiz uma espécie de vistoria (muito demorada) ao programa até ver um colega, na secretária ao lado, a executar aquilo que em cima descrevi. Quanto ao programa ENPS, não havia como enganar e Cláudia Aguiar Rodrigues deu-me essa benesse: abrir o programa, clicar num separador novo e começar a erigir peças.

Parte da minha experiência na redação da Antena 1 em Vila Nova de Gaia pode ser classificada como autodidata. Neste capítulo, os ajustes mais demorados no que à adaptação concerniram enriqueceram o processo de aprendizagem porque o tornaram mais sólido e indefetível. Para corroborar a afirmação anterior, veja-se o caso do perfil radiofónico realizado sobre *Angela Lansbury*, atriz que deu vida a *Jessica Fletcher* na série *Murder, She Wrote* (Crime, Disse Ela). Quando o jornalista Miguel Soares me desafiou a traçar o perfil da atriz inglesa, deu-me umas luzes acerca do que podia constar naquele trabalho por forma a torná-lo mais apelativo e menos denso ao nível do corpo de texto. “Procuras na internet músicas de filmes nos quais ela tenha participado. Acho que ela também participou em alguns musicais, se não estou em erro. Isto para te dizer que podes adornar o perfil com sonoridades diferentes, sobrepondo a tua voz e mantendo esses registos de fundo”. Asseguro, desde já, que o perfil respeitou essas indicações. Contudo, este (quase) delegar de conhecimento previamente adquirido impeliu-me, de certa forma, a destrinçar os mecanismos equipados e habilitados para aquilo que tinha sido designado. O trunfo saiu da manga da memória: por coincidência (talvez), já tinha mexido na plataforma Oxelon – responsável pela ligação entre uma rede sem fios e programas de edição de áudio, dispõe de um espaço para anexar o áudio que se pretende converter no formato MP3 e dirige automaticamente o resultado final para a pasta de transferências do Paradalet – fator que facilitou a execução daquela tarefa. À medida que o estágio decorria,

a utilização destas aplicações tornou-se maquinal face ao desempenho diário e ao normal aguçar do engenho oriundo da necessidade.

Se em programas computadorizados me excedi, por vezes, em termos de perceção, foi diferente aquilo que ocorreu em gravação de chamadas telefónicas e em brutos de declarações a partir da televisão presente na sala da redação da equipa da Antena 1. Instintivamente, percebi que ferramentas possibilitavam a salvaguarda da informação: no caso da gravação de RM'S a partir da televisão, abria a via do Paradalet e a via da televisão existentes na mesa de mistura e, depois, acionava a própria trilha sonora no Paradalet, a partir do computador; no caso da gravação de chamadas telefónicas, importava efetuar a chamada telefónica e, em caso de autorização da recolha de informação gravada, abrir a via disposta na mesa de mistura correspondente ao telefone fixo.

Hoje, por obrigação ou mero deleite, caso tivesse que repetir o estágio curricular na rádio pública, não pensava duas vezes antes de voltar a aceitar. Antes de encetá-lo, apoderou-se de mim uma única ideia que rapidamente transformei em objetivo: maximizar a experiência de estágio e ter o maior número de experiências diferentes possíveis com o propósito de, em primeiro lugar, possuir uma perspetiva mais abrangente daquilo que fiz e daquilo que não queria ter feito e de, em segundo lugar, aproveitar para enriquecer o meu relatório ao explicar detalhadamente aquilo que aconteceu no período compreendido entre setembro e dezembro de 2022. Pela razão que acabei de mencionar, aceitei com ânimo e prontidão todas as saídas dos estúdios do Monte da Virgem, quer para acompanhar a recolha de material noticioso para peças ou reportagens, quer para acompanhar a equipa do Portugal em Direto a Amarante e ter uma visão sobre um programa de rádio realizado em direto, mas sem estar nos compartimentos do edifício da RTP, fosse para a cobertura de conferências de imprensa no Estádio do Dragão, fosse para a cobertura de eventos desportivos nos estádios do Norte. Em três meses, não sei se vivenciei muito ou pouco, mas reúno a plena certeza de que vivenciei aquilo que pude.

Enquanto integrei a equipa da Manhã Informativa da Antena 1, não coligi logo as práticas inerentes àquela formação pelo reduzido tempo de que reunia para tirar apontamentos e trocar ideias com os restantes colegas. Estes sempre me colocaram à vontade e nunca marginalizaram a minha presença (pelo menos que tivesse notado ou

sentido). As reuniões tidas no final do turno – normalmente por volta das 11h – e transcorridos os noticiários da manhã 1 revelavam-se pertinentes e fundamentais na compreensão da preparação e elaboração do trabalho noticioso para o “amanhã”. A flexibilidade horário de que dispunha não era a mais adequada ao turno no qual laborava, apesar de pelo orientador e restantes responsáveis não existir qualquer problema nem incómodo quanto à chegada tardia. Por norma, na hora das reuniões em equipa, eu encontrava-me ou a finalizar os trabalhos a que me propus ou para os quais fui incumbido ou a terminar algo inacabado do dia anterior. Quis, desde cedo, atingir o “ritmo certo de trabalho”, mas a realidade encarregou-se de me fazer ver que, quando chegava, já vinha com relativo atraso. Pelas razões enumeradas, facilmente se comprova que frequentei poucas reuniões durante os dois meses de Informação. A isto, acrescia um problema que agudizava a minha inquietação: a comunicação “intra-redação” é efetuada através de correio eletrónico onde constavam os alinhamentos da informação abordada e da agenda para o dia de trabalho e um problema ao nível da informática – que nunca entendi na totalidade porque nunca mo explicaram – impossibilitava o acesso ao *e-mail* institucional e, subseqüentemente, às informações que podiam ser pensadas no dia anterior ou na própria manhã, a caminho do serviço. A meu ver, este aspeto permitia a melhor estruturação do trabalho a ser desenvolvido porque antecipava e prevenia possíveis problemas que surgissem. Sumariamente, o atraso não era facilmente suplantado e nunca dependeu exclusivamente da vontade pessoal.

Quando passei a colaborar com a editoria do Desporto da Antena 1, tudo mudou para melhor. A flexibilidade horária, contrariedade outrora, ajustava-se perfeitamente aos horários que cumpria porque o volume de noticiários e sínteses era, em larga escala, menor comparativamente ao da Manhã Informativa 1. A equipa, por ser bastante reduzida no que aos membros concernia, concedia-me um tempo mais alargado para expor as minhas dúvidas e para, em alguns casos, contribuir com ideias ou pensamentos que na altura considerava pertinentes.

Os jornalistas Ricardo Pinheiro e Cláudia Martins, tal como os colegas da Informação, acomodaram-me e souberam receber-me e, acima de tudo, demonstravam diligência e redobrada atenção com o trabalho que com eles realizei. Ali, na editoria de Desporto, senti verdadeiramente o que é fazer parte de uma rádio. Continuei sem poder dar voz a traduções – prática abundante no Desporto – e a expor o meu trabalho, mas ajudava a construir noticiários e sínteses “de fio a pavio” porque os colegas com quem

trabalhei solicitavam a minha participação e nada me podia deixar mais satisfeito. Outro aspeto que captou a minha atenção consistiu na forma como eles tratavam e olhavam o trabalho que o estagiário ali desenvolvia: colocavam no mesmo patamar aquilo que tinham para fazer e aquilo que eu tinha para fazer e “perdiam” o tempo que fosse preciso para explicar com concisão e clareza o que pretendiam que eu fizesse. Sumariamente, não se importavam - minimamente - de relegar o seu trabalho para segundo plano (falo de minutos, obviamente) para me esclarecer.

No mês que passei nesta editoria, realizava trabalho de redação diariamente e com duas folgas semanais a combinar e conjugar com os colegas e tendo em conta os dias em que os noticiários estavam assegurados pela equipa de Lisboa e ainda trabalhava aos fins-de-semana porque acompanhava um ou outro – às vezes, os dois – em cobertura de eventos desportivos como aconteceu praticamente nos quatro que formaram o mês de novembro. Esta relação de proximidade que estabeleci com os jornalistas Ricardo Pinheiro e Cláudia Martins viabilizou a minha inclusão à velocidade da luz no mundo do Desporto da Antena 1.

A valorização do som foi apreendida na editoria de Desporto porque se transformou em conhecimento e foi colocado em prática. “Romão, antes de nos preocuparmos com a escrita radiofónica e com os estilos e técnicas que deves estar farto de ouvir falar, vamos concentrar-nos no som e na perceção da sua essência neste universo porque acho que vais entender melhor como é que isto tudo funciona”. A jornalista Cláudia Martins disse-me o que acabei de citar no dia da minha transferência para o Desporto da Antena 1. E o tempo encarregou-se de lhe dar razão porque muitas declarações escutadas e muito treino realizado no corte de brutos que diziam respeito a conversas telefónicas com personalidades influentes neste mundo ou conferências de imprensa que anteviam partidas para as competições nacionais e internacionais me capacitaram para obter a tal perceção de que falo.

Quando denotaram que tinha apanhado o jeito em extrair as principais declarações de um determinado RM, confrontaram-me com qual das duas práticas eu tinha tido mais êxito ao nível do entendimento do trabalho de rádio. Eu respondi que a “imposição” da editora da secção tinha sido extremamente benéfica porque sem aquela lida exaustiva e que impele à cata da minúcia não me desenvencilharia naquilo que me esperava enquanto integrasse a secção do Desporto e num futuro próximo, contando que trabalhasse na área do jornalismo.

Capítulo II

Três momentos de estágio preponderantes

1. Pastelaria Itaipú e a reportagem sobre as Eleições Presidenciais Brasileiras

O dia 30 de setembro assinalou uma das aprendizagens mais produtivas que tive a oportunidade de recolher da experiência do jovem jornalista Diogo Pereira e o primeiro momento que pretendo destacar pelo facto de simbolizar primeira saída da redação em reportagem durante o estágio curricular realizado na Antena 1. A primeira volta das eleições presidenciais brasileiras disputadas essencialmente entre o agora presidente Lula da Silva e o à-altura presidente Jair Bolsonaro contextualiza temporal e politicamente o motivo da reportagem radiofónica levada a cabo pelo jornalista e pelo estagiário.

Logo pela manhã, assim que cheguei à redação, encontrei o colega Diogo Pereira numa azáfama que não lhe era característica. Inquiro-o sobre a razão pela qual estava naquele afã, ao qual ele me respondeu que ia sair em reportagem e que estava cerca de 5 minutos atrasado em relação ao horário que tinha planeado de véspera. Nesse mesmo dia, vinha a estruturar mentalmente desde a saída de casa a peça radiofónica que não tinha finalizado no dia anterior. Contudo, como aquela era a primeira vez que iria sair em reportagem - e, desse modo, usufruir devidamente de todos os momentos que envolviam o conteúdo a ser abordado – perguntei sem me acanhar se o podia acompanhar naquela jornada diferente. Ele esboçou um sorriso e retorquiu com um “estava a ver que não perguntavas nada”.

No decorrer da viagem desde o ponto de partida (Vila Nova de Gaia) até ao destino (Porto), estabelecemos uma certa cumplicidade porque partilhamos as experiências universitárias que serviram os nossos interesses e as atividades extracurriculares que, durante o período passado no Ensino Superior, desempenhamos e contavam para o currículo. O elevado tráfego evidenciado nessa manhã propiciou a que a conversa se alongasse a projetos futuros que cada um de nós condicionava. A primeira interação com o jornalista Diogo Pereira instituiu em mim o pensamento - ou mero clichê - que tudo

muda num segundo: a experiência jornalística numa rádio local em Viseu no qual era o rapaz com epíteto de “homem dos sete ofícios” conduziu-o às instalações da Antena 1 em muito pouco tempo (e em pouca experiência), segundo o próprio, contrariamente ao que tinha pensado quando lá atracou pela primeira vez.

Estacionamos a viatura da empresa num parque subterrâneo e dirigimo-nos à pastelaria Itaipú através do sistema de orientação dos telemóveis. Mal avistamos o estabelecimento em questão, aproximamo-nos devagar até pararmos a cerca de 15/20 da entrada. Diogo Pereira abre a mochila, retira o material de gravação composto pelo quantum e pelo habitual microfone, liga o primeiro e enceta a recolha de informação. “Não achas estranho o facto de estar a captar som se ainda não tenho nenhuma declaração de nenhuma pessoa?”. Acenei afirmativamente com a cabeça, mas tinha em mente tentar uma resposta, mesmo que denotasse pouco sentido. “Se consideras, deixa imediatamente de considerar. Ligar o material de gravação sonora antes de conversar com as pessoas que temos em mente é de extrema importância porque, no momento de elaboração da reportagem, vamos legitimá-la e torná-la mais crível pelo empregar de sons captados fora e dentro do local onde combinamos recolher dados. Além disso, neste caso, tenciono usar o som de chegada à pastelaria para iniciar a reportagem que tenho de montar”. Ali, apercebi-me que o trabalho jornalístico que requer declarações de terceiros não começava somente quando pretendemos obtê-las.

Transpusemos a porta, dirigimo-nos ao balcão e solicitamos a presença do proprietário e dono do negócio porque “tínhamos falado com ele anteriormente e por já saber daquilo que se tratava”. O empregado acedeu ao pedido e voltou com o patrão, que esboçou um sorriso perceptor da situação. Sentamo-nos numa mesa e, a partir desse momento, a atenção do colega Diogo Pereira alterou (obviamente) o foco. Por sua vez, concentrei-me nos movimentos e na conduta adotada pelo jornalista que acompanhava: o conteúdo da reportagem era importante, mas o saber agir e comportar-me naquela situação específica trazia-me conhecimento ao nível da postura que necessitava de adquirir se estivesse na posição de Diogo Pereira.

“Voltando aquilo que te dizia antes de entrarmos... na reportagem que vou fazer, independentemente de mencionar logo ou não o nome do estabelecimento em que estamos, é certo que o vou fazer. Ora, se estamos numa pastelaria, de que forma é que as pessoas que nos escutam vão saber onde nos encontramos se não lhes forem apresentados sons que as remetam e transportem para pastelarias? Se reparares, nunca desliguei o

quantum e quando te passar o bruto vais perceber. O tilintar das chávenas, o barulho das máquinas, os diálogos entre os empregados e os clientes, tudo isso dá crédito àquilo que estamos a tentar expor”. Não tinha, de facto, desligado o material de gravação. A atenção do jornalista Diogo Pereira tinha sido dirigida para o proprietário da pastelaria Itaipú, mas o “trabalho” ainda não tinha começado porque ambos conversavam sobre trivialidades do cotidiano enquanto eu os perscrutava atentamente. Subtilmente, o colega que acompanhei foi introduzindo o “trabalho” que motivava a visita a um pequeno ponto do Brasil em Portugal – situado na região do Porto – e conduziu a entrevista para o tópico que lhe servia de mote. A serenidade com que a entrevista foi empreendida surpreendeu-me porque a tarefa que lhe coube foi desempenhada tão naturalmente que nem parecia que encerrava responsabilidade.

O material de gravação apenas se desligou enquanto pausamos para realizar o habitual lanche da manhã. Mais tarde, ao proprietário da pastelaria Itaipú juntaram-se a esposa e Lucas, um engenheiro aeronáutico a trabalhar em Portugal e convidado pelo jornalista a participar no colóquio. A conversa fluiu novamente até ao momento da despedida. Contudo, momentos antes de perpassar a porta rumo aos estúdios da Antena 1 em Vila Nova de Gaia, Diogo Pereira abrandou o passo e retirou o quantum e o microfone novamente da mochila. “Antes de irmos embora, vais encenar um pequeno papel: preciso que simules a entrada no estabelecimento”. Cumpri aquilo que me fora pedido e, já de volta à casa mãe, inquiri-o sobre o porquê de me ter pedido para simular a entrada na pastelaria. “Como pudeste observar, o Lucas só chegou depois. Em rádio, como te disse desde o começo, importa contextualizar e tornar a peça ou reportagem verosímil para quem nos ouve. Portanto, vou arranjar uma forma de incluir a simulação da sua entrada na peça e, conseqüentemente, a sua presença naquela conversa”.

Regressados à redação, pedi-lhe que transferisse o bruto para que eu o pudesse trabalhar e arranjar a meu bel-prazer, embora alistasse na mente as indicações e luzes que me tinha oferecido enquanto efetuava o seu trabalho. No dia seguinte, escutei a reportagem e verifiquei a inserção de todas aquelas particularidades que me tinham sido explicadas e em cima enumeradas.

2. Thinking Football Summit (TFS) e o fim de semana distinto

À última da hora, fui convocado pelos jornalistas Cláudia Martins e Ricardo Pinheiro a participar no *Thinking Football Summit (TFS)*. Teoricamente, o evento requeria uma solicitação prévia para credenciais da imprensa, mas os meus colegas arranjaram forma de eu conseguir compenetrar a mesma experiência do que eles. Nessa altura, (17, 18 e 19 de novembro) já tinha realizado trabalho fora da redação e participado em coberturas de partidas de futebol. Porém, aquele evento sinalizou e delimitou o que até aí tinha feito, apesar do pouco que tivesse realizado até então.

Como já referi, o *TFS* representa um acontecimento no qual estão integradas pessoas ligadas ao universo futebolístico e descendentes das mais profusas ramificações que o regem para debaterem e pensarem a modalidade com os restantes intervenientes através de palestras e atividades que se desenrolam por um período de três dias. Curiosamente, a minha primeira participação “profissional” num evento desta estirpe coincide com a primeira participação da Antena 1 enquanto órgão de comunicação social responsável pela sua cobertura. No primeiro dia, acompanhei os dois jornalistas durante toda a duração do evento numa tentativa de com eles “apalpar terreno” e espremer, ao máximo, as informações que dali podiam ser retiradas enquanto nos últimos dois dias, revezei a minha presença pela manhã e pela tarde, ora acompanhando a colega Cláudia Martins, ora acompanhado o colega Ricardo Pinheiro.

O Super Bock Arena – Pavilhão Rosa Mota acolheu a edição de 2022 e, num primeiro impacto, pude constatar algo positivo e no qual enalteço a postura da Antena 1 e, especialmente, da editoria de Desporto: durante o evento apenas figuraram três órgãos de comunicação social – jornal Record, jornal O JOGO e Antena 1 – facto que realça e sublinha a diligência e a vigilância positiva que a secção realiza a partir do calendário. Por suposição e adversamente àquilo que se verificou, uma ocorrência altamente inovadora e que apostava forte em tecnologia merecia destaque por parte da imprensa desportiva em Portugal uma cobertura mais ampla do que aquela que existiu.

Antes do *check-in* habitual, foi-me explicado o principal propósito da presença naquele congresso para amantes de futebol: “trabalhar não só para o presente, mas para o futuro”. Na prática, o que significava a afirmação descrita anteriormente? Perante o

cenário que pintava o futebol nacional e internacional e as suas diversas competições, granjear pequenas declarações de palestrantes e/ou pessoas convidadas para o evento que já marcaram o mundo do futebol para futuramente compor peças radiofónicas que possam ser utilizadas em noticiários desportivos ao mesmo tempo que arranjávamos declarações que retratassem aquilo que sucedia no Thinking Football Summit e aquilo que o evento representava para o futebol enquanto modalidade agregadora e impulsionadora de encontros entre culturas.

O mês de novembro de 2022 foi assinalado pelo Mundial no Catar, competição que dividida em 8 grupos com quatro equipas. O torneio referenciado suscitou muita polémica principalmente no que concerniu às condições dos trabalhadores que edificaram os palcos das muitas partidas realizadas, à comunidade LGBTQ+ e às discriminações sofridas pela mais alta instância do futebol. Por esta razão, parte das indagações engendradas e arquitetadas aos protagonistas que fomos encontrando abarcaram uma opinião acerca da postura que assumiam perante o materializar de um evento repleto de problemas de dimensão política, social e cultural enquanto a restante se centrou na expectativa gerada em torno da participação de Portugal e quais as hipóteses que a Seleção Nacional reunia para vencer o Mundial 2022. Simultaneamente, nas competições internas, era altura da Allianz Cup (vulgarmente designada por Taça da Liga) e algumas questões também foram dirigidas para as paragens que as principais ligas europeias sofreram e se o facto de a competição de seleções ser jogada no decorrer de uma época podia prejudicar o rendimento das equipas com especial enfoque para o caso português.

A 17 de novembro de 2022, dia inaugural do Thinking Football Summit, o repórter Ricardo Pinheiro entrou na emissão do noticiário desportivo das 16:30h, à altura operado pela redação em Lisboa, com o intento de efetuar um ponto de situação sobre o evento que se estreava em Portugal e quais eram as reações acerca daquilo que se presenciava. Neste processo, com préstimo de declarações rápidas, participou Marcos Senna, antigo internacional pela Seleção de Espanha. Assisti, pela primeira vez, à entrada de um repórter em cena, permanecendo a seu lado. Aí, apercebi-me da agilidade e a desenvoltura que são prementes para a construção frásica, independentemente do conteúdo que a sustente. No caso vivenciado, reparei que o jornalista segurava breves apontamentos no seu caderno pessoal e debitava aquela informação de que dispunha de forma compassada sem causar ruído ou redundar em falta de perceção e com projeção

e entoação tão orgânicas que quem o escutasse pensava que se tratava de um simples à-vontade e de uma espontaneidade a significar profissionalismo.

O *TFS* assumiu uma importância distinta – mas igualmente valiosa – naquele que constituiu parte do meu conhecimento sobre o trabalho em rádio. À semelhança do que acontece numa partida de futebol, o jornalismo também pode munir-se e reger-se por uma postura precavida e de antecipação, não face a um adversário ou oponente, mas ao que se cruza e atravessa o horizonte para onde a atividade se orienta. Os dois jornalistas da editoria do Desporto da Antena 1, repletos de (pre)visão panorâmica sobre a modalidade, serviram-se do mini congresso para estruturarem e arquitetarem o que constaria em fragmentos do pano que cobriria os noticiários desportivos nos meses que se avizinhavam. O encontro com pessoas que já representaram os clubes (FC Porto, SL Benfica e Sporting CP) que, à data, ainda permaneciam nas competições europeias ou o diálogo estabelecido com os adversários dos adversários dos clubes grandes portugueses sobre os duelos que se avizinhavam que na UEFA Europa League, quer na UEFA Champions League revelaram essa capacidade de planificação de um futuro que não estava assim tão distante e podiam constar, por exemplo, como declaração capaz de antever as partidas com data marcada para fevereiro de 2023. Por acréscimo, a equipa da Antena 1 ainda conseguiu abordar um tema que podia moldar-se e adaptar-se aos preceitos que regem a peça radiofónica, a reportagem radiofónica ou a simples declaração para preencher a informação de um noticiário desportivo ao assistir a uma palestra e, posteriormente, a compilar as declarações de Gilberto Silva, antigo internacional pela Seleção do Brasil: a saúde mental nos atletas de alta competição. Este tópico evidenciava uma natureza perene e duradoura sob o ponto de vista do teor e relevância do valor-notícia que adquiria por si só na medida em que abundam e proliferam cada vez mais apontamentos e artigos sobre a sanidade e o bem-estar emocional e psicológico distendido a todos os setores de atividade profissional.

3. A presença em pista nas partidas entre FC Porto vs. FC Paços de Ferreira e FC Famalicão vs. Sporting CP

A partir do momento em que encetei a minha colaboração com a editoria Desporto, sempre fiz por preencher o período no qual me habituei a repousar no decurso da estadia na Manhã Informativa da Antena 1 e folgar nos dias de semana, em conformidade com a restante equipa. A colheita de novas experiências de estágio compôs uma atitude frequente e exaustivamente procurada e algumas vezes enumerada ao longo do relatório de estágio. Ora, os jornalistas Ricardo Pinheiro e Cláudia Martins detetaram este ensejo rapidamente e convidaram-me para a primeira saída enquanto membro da nova equipa.

No primeiro fim-de-semana do mês de novembro (5 e 6), o FC Porto recebia o FC Paços de Ferreira em jogo a contar para o campeonato português. “Vou falar com o António e pedir-lhe que me arranje uma credencial extra para nos acompanhares no sábado ao jogo. Vou com o Carlos Rui Abreu porque o Ricardo não faz relatos e porque também vai fazer cobertura em Vizela. Preferes a credencial com acesso ao relvado ou apenas a da tribuna que separa a imprensa do resto do público? Eu vou cobrir em pista enquanto o Carlos Rui Abreu se encarrega do relato”. Respondi que preferia acompanhá-la na pista porque a ideia me agradou prontamente.

A credencial extra foi aceite e acompanhei-os ao Estádio do Dragão. Por norma, os jornalistas entram nos recintos desportivos uma hora adiantados em relação à hora para que a partida está marcada. Em meia hora, ajudei Cláudia Martins – pessoa que ia abeirar em pista – a ultimar notas sobre os onze iniciais, os suplentes que ocupavam o banco e detalhes específicos sobre jogadores das duas equipas e ainda troquei com a jornalista algumas notas que eu próprio tinha escrito sobre factos interessantes que marcaram o duelo ao longo dos anos e que, por acaso, estavam em falta seus nos registos. “Bom trabalho, Romão! Ainda bem que tinhas isto registado porque os dados certos não são excesso. Até podemos não utilizar tudo o que temos escrito, mas temos sempre uma margem de manobra maior”.

Na meia hora que antecedeu o jogo entre FC Porto e FC Paços de Ferreira, pisamos a relva do Estádio do Dragão e firmamos os pés por trás de uma das balizas. Volvidos

cinco minutos, Cláudia Martins entrava na emissão para anunciar detalhes sobre os onze jogadores que alinhavam nas duas equipas com breves reparos sobre mudanças ao nível tático ou de posição na quadra, depois de Carlos Rui Abreu ter mencionado os titulares daquela partida. Findo o direto, recebi novas indicações da jornalista que acompanhava. “Na cobertura de um evento desportivo, em rádio, tudo funciona como na televisão: por norma, a meia hora da partida ter início, o repórter de pista entra na emissão de modo a, junto com quem faz o relato, dar a conhecer aspetos importantes sobre alguns jogadores, sobre a partida ou sobre o momento que as equipas atravessam”.

À hora marcada, as duas formações entraram no relvado do Estádio do Dragão e perfilaram lado a lado, separadas pela equipa de arbitragem. Os capitães recolheram para junto desta última e, assim que a equipa da Antena 1 se apercebeu para que lado a formação azul e branca ia conduzir os seus ataques, deu indicações a Cláudia Martins, repórter de pista, em plena emissão. Consequentemente, eu e a colega jornalista tivemos que atravessar o relvado pela parte exterior que o separa da bancada, com o material de gravação “às costas” e colocar-nos do lado oposto ao inicialmente ocupado. Ao intervalo, escusado será afirmar que fruto da mudança de campo, mudamos também o ângulo de cobertura. Ao mesmo tempo que atravessávamos, Cláudia Martins explicava o porquê daquela ação. “Nos jogos das equipas grandes, a imprensa desportiva que destaca repórteres de pista situa-se sempre por trás da baliza para a qual o FC Porto, o SL Benfica ou o Sporting CP. E porquê? Precisamente pelo facto de existir uma maior probabilidade de estas equipas vencerem as partidas que disputam com equipas menores. Caso contrário, seria bem mais complicado destrinçar certas dúvidas em lances que não fossem perceptíveis à distância”. Desta forma, toda a incerteza que ruminava na minha mente foi dissipada e já não precisei de refletir naquele assunto e, se calhar, mais tarde inquiri-lo aos colegas de redação.

Ao longo dos 90 minutos, quando solicitada pelo jornalista Carlos Rui Abreu, Cláudia Martins munuiu-se dos apontamentos referidos anteriormente e foi clarificando informações e elucidando aqueles que acompanhavam a partida através do relato sobre os principais lances que marcaram o encontro e os seus protagonistas nomeadamente esclarecer sobre quem fez ou sofreu determinada falta, sobre quem foi admoestado pelo árbitro da partida e/ou sobre quem foi substituído e detalhar sobre um determinado jogador e não repetir informação sobre o mesmo visando o número de golos, o número de assistências, o número da camisola, a nacionalidade e a posição que ocupa no terreno.

Após o término da partida seguiu-se a recolha de declarações na habitual conferência de imprensa de rescaldo. Acompanhei, novamente, a jornalista Cláudia Martins à sala onde iria ser realizada a exposição à imprensa. “Quando os dois treinadores chegarem, vou tentar colocar perguntas porque assim utilizamos os RM’S que respondem às nossas próprias perguntas, ao invés de repetirmos só os áudios – mesmo que apenas em parte – dos outros meios de comunicação social”. Levantou-se, colocou o microfone da Antena 1 junto de todos os outros dispostos na mesa onde iriam estar os treinadores e os respetivos assessores de comunicação/ diretores de comunicação e aguardou a sua vinda. Já na presença dos visados, colocou as questões previamente estruturadas e debatidas e utilizou o material disposto na mesa, juntamente com o quantum que segurava entre as mãos, para gravar as respostas dos treinadores das duas equipas.

Nesse dia, a emissão estava a ser assegurada pela equipa da Antena 1 em Lisboa, que lhe pedia com a maior brevidade e prontidão as declarações para a síntese desportiva que estava prestes a começar. Através do quantum e da sua ligação ao Paradalet, Cláudia Martins isolou os áudios e enviou-os para o editor responsável na região sul do país, pessoa que os colocou na síntese desportiva daquela noite.

Neste tópico, reúno igualmente a pretensão de fazer uma pequena menção e descrição do que se passou no fim-de-semana seguinte. No dia 12 de novembro, FC Famalicão e Sporting CP marcavam encontro na cidade nortenha em jogo a contar também para a primeira divisão do futebol português. Comparativamente à partida da jornada anterior a que tive oportunidade de acompanhar a equipa da editoria de Desporto da Antena 1, o procedimento incorporado na partida que se avizinhava em nada ia diferir daquele que foi empregue e, para mim, já nada seria novo e tudo se mecanizaria.

Contudo, a informação que vou fornecer nas linhas que se seguem pode parecer irrelevante – tal como eu pensei que era – mas não assume esse carácter superficial. Com os avisos meteorológicos avançados pelos novos media diariamente, constatamos que naquela data, a norte, iria chover, principalmente durante a noite. E eu, tal como na semana transata, iria acompanhar novamente a Cláudia Martins em pista porque tinha ficado assim combinado previamente.

Ora, ao nível da preparação para a partida que se ia desenrolar, alterar-se-iam práticas e comportamentos a adotar durante os 90 minutos. Quando um jornalista/ repórter

realiza trabalho de campo na presença de condições atmosféricas desfavoráveis, deve adotar cuidados, principalmente naquilo que diz respeito à rádio e à televisão: em primeiro lugar, interessava proteger e salvaguardar o material de gravação porque a chuva podia danificá-lo ou - até mesmo – degradá-lo caso entrasse em contacto com; em segundo lugar, o uso de roupas e calçado impermeável pelos jornalistas ou repórteres que exercessem o seu trabalho sob condições meteorológicas adversas. Perante este contexto, Cláudia Martins alertou-me para o que de pior se podia passar enquanto o jogo decorresse e eu fui preparado para eventuais episódios não tão agradáveis.

Além disto, como o repórter em pista necessita, normalmente, de se fazer acompanhar de notas breves sobre o jogo e os seus protagonistas, necessitava de arranjar um método capaz de assegurar toda a informação de que dispunha para a análise e execução do seu trabalho. Tendo em conta que não são autorizados guarda-chuvas no interior dos recintos desportivos para pessoas que integrem a imprensa desportiva, eu e a colega Cláudia Martins “impermeabilizamo-nos” o máximo que conseguimos e resguardamos as folhas de papel que detínhamos no interior de umas micas de plástico que permitiam o seu acondicionamento.

As decisões que marcaram o meu estágio curricular

“Não tenhamos pressa, mas não percamos tempo” – José Saramago

“If thought corrupts language, language can also corrupt thought” / “Se o pensamento corrompe a linguagem, a linguagem também pode corromper o pensamento”
– George Orwell

“I like to listen. I learned a lot by listening carefully. Most people never listen.” /
“Eu gosto de ouvir. Aprendi muito a escutar atentamente. Muitas pessoas nunca ouvem.”
– Ernest Hemingway

Provavelmente, nem sempre atingi a melhor maneira de dissipar algumas hesitações e dúvidas que reuni, mas não lamento as decisões tomadas e o rumo que trilhei. Embora me tenha apercebido posteriormente e a execução do relatório de estágio atual me tenha orientado para essa perspectiva, constato que as três frases destacadas complementaram e interligaram todas as fases que envolveram a experiência na Antena 1 porque se debruçam – simultaneamente – sobre aquilo que o meu conhecimento alcançou enquanto desenvolvia os trabalhos propostos ou aos quais me propunha e à relação profissional e pessoal que estabeleci com os colegas de redação.

Nos três meses de estágio, apressei-me em diversas ocasiões e perdi muito tempo porque o meu pensamento era assaltado – com frequência – pela ideia de que quantos mais papéis e peças que servissem os cânones da rádio eu realizasse, mais aprendia sobre o modo como a informação ali se processava e mais prática adquiriria na concretização da notícia x ou y. Sob o prisma do esforço e da produtividade, esta minha atitude adequa-se a uma postura que considero inegociável aquando de um firmar de um contrato entre um estabelecimento de ensino e uma empresa disponível à aceitação dos alunos que possuem a pretensão de ali aprender e ter oportunidade de “se mostrarem”. Porém, neste caso, a motivação e a vontade de penetrar no mundo do radiojornalismo redundaram em frustração pelo facto de serem confinadas por falhas e incorreções quer na escrita, quer na gravação (vocalização) do material escrito.

O pensamento corrompia a linguagem, como George Orwell outrora enunciara. Segregar a “escrita para ser lida” da “escrita para ser falada” traduzia-se num exercício

de complexidade superior porque, até aí, nunca tinha sido operado. Inicialmente, presumi que a tarefa de anexar e transformar a formalidade em torno do registo em registo oral fosse mais acessível do que aquilo que se verificou durante o período em que integrei a equipa da Manhã Informativa da Antena 1. Quando detetei a falácia que comandava a minha reflexão, já estava encarcerado na masmorra de apagar e reescrever o mesmo papel ou peça radiofónica vezes sem conta. Assim, a linguagem passou a corromper o pensamento e adulterá-lo. Todas as palavras que utilizava para construir trabalhos passíveis de gravação começavam a suscitar dúvidas e a serem substituídas por sinónimos e, a cada passo, procurava os termos mais simples e que inspiravam um tom mais coloquial e espontâneo na dimensão do discurso. Tudo parecia disforme quando encetava determinado trabalho para a rádio.

Não obstante persistirem diversas forma para tratar e construir um trabalho radiofónico naquilo que à forma e à estrutura concerne, a solução passou por ouvir exaustivamente material pertencente a determinados assuntos (principalmente na editoria de Desporto) e a separá-lo em pequenos RM's que – a meu ver - contivessem a informação essencial para serem abordados e isolados para comporem o noticiário ou a síntese. Independentemente de a forma se alterar, o conteúdo mais importante tinha obrigatoriamente que fazer parte do produto final. Como foi supracitado, a jornalista Cláudia Martins induziu-me na adoção deste comportamento e desta forma de estar no cosmos do radiojornalismo.

Aqui, faz todo o sentido aplicar a frase de Ernest Hemingway: em primeiro lugar, aprender a ouvir porque um estagiário, por norma, não reunirá as mesmas capacidades que um jornalista mais experiente no que diz respeito ao tratamento dos dados que lhe ressaltam “ao ouvido” e ao destrinçar o essencial daquilo que se ergue como acessório nem a mecânica, a fluidez e a naturalidade com que constrói algo capaz de ser exibido e dado como conteúdo noticioso; em segundo lugar, mais do que aprender a ouvir e motivado por esse procedimento, gostar de ouvir na medida em que se traduz na ação primordial a desempenhar em radiofonia e no sustentáculo da profissão de jornalista de rádio. O profissional em questão, muito antes de se preocupar em escrever para ser escutado, deve fazer incidir a sua preocupação para o facto de saber escutar e separar o ruído do audível.

Hoje, comprovo que quando comecei a escutar e a aprender a ouvir verdadeiramente, já o estágio curricular tinha galgado mais de metade do período sob o

qual foi assente. Não quero empunhar o arrependimento no facto de ter integrado primeiramente a Manhã Informativa da Antena 1 ao invés da editoria de Desporto nem penitenciar-me por considerar que possuía um atraso de 2 meses relativamente ao que conhecimento que podia ter adquirido. Em meu juízo, todo o cenário redundou em mera aceitação de uma proposta de estágio proveniente do orientador pertencente à entidade empregadora que posteriormente foi alterada a pedido do estagiário. A troca de editorias foi cogitada no tempo em que pertenci à equipa da Informação e constituiu uma decisão que não foi tomada inadvertidamente, isto é, simplesmente “porque sim”.

Se a experiência vivida na Manhã Informativa 1 surtisse o efeito desejado na compreensão da base de suporte do radiojornalismo e de algumas das suas particularidades, teria solicitado a jornada na editoria de Desporto? Após uma breve autoanálise, respondo afirmativamente à questão retórica. A bagagem que até aí juntava, por si só, não conferia multiplicidade à experiência tida na redação nem satisfazia particularmente as vontades formadas – e que se formavam – na mente: mesmo que a permuta entre secções fosse prejudicial à execução do estágio curricular, abraçava um método de trabalho distinto do perpetrado na Informação e, por conseguinte, responsabilidades e afazeres igualmente diferentes. Na vida, apesar da tenra idade que possuo, sempre tentei que as minhas ações e atitudes se regessem por uma amplitude na perceção e gnose de conceitos espalhados pelas mais diversas áreas do saber e práticas associadas e, por essa razão, não faria sentido efetuar um estágio em radiojornalismo sem conhecer minimamente o funcionamento de todas as suas editorias e os hábitos correspondentes. Neste caso, o meio de comunicação social apresenta somente duas (Informação e Desporto) e tive a oportunidade de “residir” em ambas.

Foco as atenções – novamente - na minha relação com o orientador e jornalista António Jorge. Arrependo-me (agora sim!) de não ter construído a mesma relação de proximidade comparativamente às que tive com os colegas Cláudia Martins e Ricardo Pinheiro e de termos dialogado escassas vezes durante o período de estágio. Enquanto fiz parte do grupo da Manhã Informativa da Antena 1, reuni sempre esforços de modo a que – em conjunto – combinássemos um dia por semana com a pretensão de lhe mostrar os papéis e peças que desenvolvia; contudo, em algumas semanas, por motivos de ausência da parte do orientador de estágio da entidade empregadora ou por motivos de ocupação laboral naquele espaço que tínhamos pré-estabelecido, não trocávamos ideias ou informações nem conversávamos acerca do trabalho que até então realizava.

Por sua vez, quando passei a integrar a editoria de Desporto, face à postura amigável dos restantes colegas e ao ambiente sereno e aprazível que envolvia aquela equipa, senti desenvoltura e descontração para tirar as dúvidas e para expor as minhas dificuldades com os jornalistas Cláudia Martins, Ricardo Pinheiro e Fernando Eurico (quando este lá se encontrava). À questão “por que razão é que procedi desta forma, sendo que o meu orientador não integrava a editoria visada?” respondo deste modo: se sentia que as minhas dúvidas eram suplantadas com as indicações e orientações dos colegas de editoria, não faria sentido expô-las e problematizá-las ao jornalista António Jorge. Logo na fase inicial da transição editorial, lembro-me de falar com o orientador da empresa empregadora e perguntar-lhe se podíamos ter uma reunião para mostrar tudo aquilo que tinha efetuado – pertencente à Informação – e ter algumas luzes do que foram aqueles dois meses na sua perspetiva: a resposta “falamos depois, com mais calma, no fim do estágio” recambiou-me para a editoria de Desporto e essa “promessa” não chegou a ser cumprida.

O contacto direto com o programa Antena Aberta causava-me algum embaraço e traduziu-se num trabalho que me custava desempenhar. À hora em que os colegas jornalistas da equipa da Manhã 1 reuniam para preparar e escrever os próximos capítulos informativos, a jornalista – por norma - Francisca Silva azafamada com a preparação, atendia as chamadas dos ouvintes que queriam inscrever-se e participar para opinar e dar o parecer sobre o assunto na ordem do dia no direto emitido a partir do estúdio principal do edifício do Monte da Virgem. Ora, quando não estava a finalizar os trabalhos que tinha deixado pendentes do dia anterior e gozava de “tempo livre”, a jornalista Francisca Silva pedia-me que realizasse a tarefa ao seu encargo, proposta à qual acedi prontamente, excetuando uma única vez. Sempre que me pediam para recolher as informações elementares dos ouvintes – nome, idade, profissão, local de residência e contacto telefónico – fazia-o sem grande ânimo ou disposição e demonstrava um sorriso amarelo. Não se tratava de uma subtração do valor confinado ao ofício visado: agia desta forma simplesmente pelo facto de considerar que, para o estágio curricular que realizava, atender telefonemas me oferecia uma aprendizagem superficial e não condizente com aquela que constitui a atividade jornalística e de não redundar em práticas que, futuramente, pudessem ser reaproveitadas como conhecimento.

A certa altura, até quando deparado com papéis e peças inacabadas, lá cedia e auxiliava a preparação da emissão que começava entretanto. O facto de, até essa altura,

nunca ter recusado os pedidos oriundos de Francisca Silva originou gradativamente mais e mais auxílios em torno desta estruturação. Impus tardiamente a minha vontade, mas o dia acabou por chegar. A exceção referida anteriormente diz respeito a um último pedido por parte dos elementos que compõe o *background* do programa: já ao serviço da editoria de Desporto e a separar RM'S do bruto correspondente à conferência de imprensa de Artur Jorge, treinador do S. C. Braga - que antevia uma partida para a *UEFA Europa League* – pediram-me novamente e pela última vez que atendesse chamadas dos possíveis participantes da Antena Aberta e eu disse que estava ocupado porque a jornalista Cláudia Martins me tinha dado uma tarefa.

Dificuldades ao nível da estrutura e do conteúdo da escrita radiofónica

No último semestre do terceiro ano da licenciatura em Ciências da Comunicação pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), a cadeira “Estágio Curricular” exercia a sua presença no plano de estudos do curso. Ao longo do segundo semestre, estagiei na Universidade FM, rádio local situada em Vila Real e, antes de iniciar essa experiência, propus a criação de uma rubrica conjunta com uma colega e amiga de curso e transformá-la no nosso objeto de estudo assim que escrevêssemos o relatório. Os responsáveis à altura gostaram da ideia e concordaram com a sua materialização. No fim do período de estágio, eu e a colega possuímos duas rubricas às quais dávamos voz. Ambos os pequenos projetos estavam alicerçados num suporte textual (guião escrito e tornado informal o suficiente para ser escutado): um girava em torno de notícias algo insólitas ou bizarras das quais tentávamos extrair as partes mais levianas e humorísticas dos acontecimentos; outro apontava na direção musical e, alternadamente, cada um dava a conhecer uma música ao outro depois de contar/relatar uma história que ficasse marcada com a melodia a apresentar.

A breve introdução que aqui realizei goza de um propósito: apesar de já ter tido uma experiência numa rádio e de possuir uma noção mínima dos mecanismos que se desenvolvem, o meu estágio anterior não incluiu bagagem ao nível de radiojornalismo nem de produção de conteúdo informativo e noticioso. Por esta razão, afirmo sem problema algum que um dos maiores óbices encontrados durante o estágio curricular realizado na Antena 1 foi, sem dúvida, ao nível da escrita e dos cuidados estilísticos a anexar.

Os papéis e peças radiofónicas aos quais faço menção nas linhas que se seguem constituíram apenas uma pequena parte do trabalho que efetuei no estágio curricular e servem de exemplo para evidenciar algumas falhas e imperfeições que caracterizaram a escrita para a atividade radiofónica, segundo a apreciação do orientador responsável e de alguns colegas jornalistas. Nada do que foi escrito segue uma cronologia.

Nos Apêndices, vão poder encontrar as imagens relativas ao papel/peça radiofónica na qual são visíveis as dificuldades sentidas durante a escrita. Todas as

atividades consumadas na rádio tinham por base a informação contida em telex provenientes da Agência Lusa, da agência *France Press* e da agência *Reuters*.

Quando gravado, o papel realizado sobre a **reunião das comissões episcopais** de Portugal e Espanha afigurou-se com uma densidade textual elevada e erros na própria forma da construção da notícia porque o nome aparecia depois do cargo e/ou profissão da pessoa em questão. Consequentemente, mesmo após a edição na plataforma Paradalet Plus, este trabalho registou a duração de 01:30min e, por norma, os papéis em rádio não devem ultrapassar a barreira de 01:00min.

Na **PEÇA – 96% pobreza cigana**, para além dos erros anteriores, outros se verificaram: a pouca concordância do texto escrito com o RM utilizado para conferir credibilidade. A peça enceta com a frase “a coordenadora do Observatório das Comunidades Ciganas” e esquece-se de mencionar o nome da pessoa que ocupa o cargo e, à medida que se desenrola, cita o nome Maria José Casa-Nova: esta situação causa ruído e confusão na perceção do ouvinte porque a informação de que Maria José Casa-Nova é a coordenadora do Observatório das Comunidades Ciganas não está clara nem bem assente.

“Dia 2 de novembro, o Ministro da Educação João Costa vai defender a proposta orçamental para a pasta na Assembleia da República. Por essa razão, está emitido um pré-aviso de greve por educadores e professores de vários sindicatos” assinala o início do trabalho **GREVE DOS PROFESSORES**. O papel conserva quatro práticas inadequadas: a densidade textual e a preocupação exasperante de reunir o máximo de informação no menor tempo possível; o estilo demasiado pivô a introduzir os papéis e peças e destinado ao editor do noticiário; a referência de imensas entidades sindicais sem recorrer a siglas pelo facto de não serem reconhecidas caso fossem utilizadas e ausência de uma frase capaz de concluir a notícia.

À medida que grava as declarações dos intervenientes e o som que envolve o ambiente onde se insere, o profissional de rádio vai cogitando sobre o modo como vai iniciar a peça, como vai enquadrar o texto com o som captado e como a vai finalizar. Todavia, efetuar um trabalho com o bruto recolhido por uma pessoa que não a própria é das missões mais espinhosas que um jornalista pode deter porque trabalhar um objeto noticioso não recolhido por nós é, em rádio, um corpo estranho. A peça **Mural** –

Agustina Bessa-Luís foi escrita duas vezes também pelas razões supracitadas. Nas duas versões do mesmo exercício, não fui capaz de reduzir a minha intervenção e de registar apontamentos longos sobre as homenagens em formato ilustrativo. Normalmente, se a peça for iniciada com a ideia de um jornalista, os depoimentos de terceiros irrompem após 6-8s e o primeiro RM, no caso descrito, aparecia aos 13/14s: ou seja, a participação do jornalista deve ser relegada para segundo plano na medida em que não é ele quem constitui a pedra basilar do trabalho que desenvolve. O primeiro parágrafo em ambas as peças era dispensável porque se assemelha ao lançamento que o editor de um noticiário faria. As **PEÇA ANTEVISÃO FCP x SLB, Risco de fecho das maternidades, Greve 24h Polícias Municipais e peça – Mercado do Bolhão** encerram a mesma incorreção do que peças anteriores pelo facto de tanto a introdução como a conclusão dos trabalhos poderem compor aquilo que é encetado no noticiário pelo editor responsável e lançado como ponto de partida para a explicação e o “verdadeiro sumo” da notícia.

Um exercício que mais satisfação me deu em realizar foi o **Perfil – Angela Lansbury**. Nele, combinei uma pesquisa biográfica sobre a protagonista da celebrada série *Crime, She Wrote* (Crime, Disse Ela) e a introdução de sonoridades às quais ela protagonizou, sobrepondo esta última camada ao suporte textual que possuía. Quando o exibí ao orientador de estágio da entidade empregadora, ele apontou reparos apenas quanto à estrutura por seguir uma linha temporal muito rígida. Na atividade radiofónica, não acrescenta em nada aos perfis o facto de se mencionar datas ou situar no tempo o percurso que determinada personalidade trilhou, tampouco se essa bengala for utilizada de modo excessivo.

Kiev, Lviv e Dnipro remete para o papel escrito pelo estagiário e corrigido posteriormente pela jornalista Eduarda Maio. Nos Apêndices, as expressões riscadas são “é possível observar”, “Kiev”, “da cidade”, pela terceira noite consecutiva”, “de acordo com o anúncio feito pelo”, “bombardeamento”, “após” e “bombardeada”. Antes da correção, gravei os escritos num dos estúdios mais pequenos e regressei para editar e montar o papel. Nessa semana, nem o orientador de estágio nem Miguel Soares – jornalista responsável pelo estagiário na ausência do primeiro – se encontravam na redação. Então, solicitei a Eduarda Maio – naquele período a editar os noticiários da Manhã Informativa da Antena 1 – que ouvisse o que tinha feito. No final, ajudou-me a simplificar e a tornar menos ruidoso aquele trabalho e substituiu as expressões que risquei

por “são visíveis”, “da cidade”, retirou a palavra “Kiev”, “novamente”, “segundo o”, “ofensiva russa” e “bombardeada em massa”, respetivamente.

Sobre as dinâmicas relativas à Pastelaria Itaipú, devo confessar que o material recolhido pelo jornalista Diogo Pereira no qual eu estive presente orientou o meu pensamento para a condensação da informação em dois trabalhos distintos: um que tratava as eleições brasileiras e os pareceres dos intervenientes daquele diálogo e outra sobre a história do casal Duarte que pudesse originar uma possível reportagem. Na **Peça – Brasil (Itaipú + Lucas)**, ao tentar descortinar as posições políticas do casal e de Lucas, contextualizei e detalhei em demasia aspetos pessoais que não condiziam com o propósito da peça e, por essa razão, excedi o limite participativo que o jornalista deve acarreta aquando da execução de um trabalho desta estirpe. Por acréscimo, esta peça introduz o tópico que se pretende abordar, mas, à semelhança de peças anteriores, não o conclui da maneira mais correta porque a informação prestada podia ser oferecida pelo pivô. Todavia, na peça **Pastelaria Itaipú** e com a reportagem na mente, o tempo do produto final jogava a meu favor pois já não necessitava de seguir à risca a marca do 01:30min. Sob o ponto de vista do espólio auditivo, o trabalho adquire um formato mais “radiofónico” porque reúne mais depoimentos e maior permuta entre o jornalista e a pessoa entrevistada; ainda assim, no pequeno parágrafo inicial também está patente uma frase que podia ser aproveitada para o editor lançar a peça para o AR. Além disso, certas proposições escritas são pouco usuais em rádio como “trocar a vida estabilizada pela incerteza foi dúvida que o acercou” ou “e agora? O empresário resume o panorama brasileiro” uma vez que podem suscitar ruído no ouvinte.

A primeira vez que encetei uma peça radiofónica com um RM que não o do som do jornalista que expõe a notícia foi num trabalho sobre o **FESTIVAL IMINENTE**. Neste caso, já tinha os RM’s separados e devidamente editados e não podia manobrá-los à minha maneira porque não sabia – nem me elucidaram – sobre a existência do bruto. Desta forma, construí o exercício em prol do material que agrupava para o lançamento daquele que fechava o ciclo de festivais de verão. Após a segunda trilha sonora, a construção frásica não se adapta ao modelo restrito que habitualmente pontifica na atividade radiofónica por dois motivos: o primeiro prende-se com o facto de o emprego de estrangeirismo em palavras como “*performances*” e “*workshops*” redundar em ruído nos ouvintes na medida em que o objetivo primordial da produção noticiosa não seja

cingir-se e segmentar-se por faixas etárias e por níveis de instrução superiores; o segundo diz respeito à expressão “Destques?” dado que a sua aplicação confere inércia e compromete a qualidade informativa, ainda mais quando esta é escutada.

“Alugar uma residência universitária é uma tarefa cada vez mais difícil em Portugal” e, novamente, um trejeito característico de pivô. Como supracitei por mais do que uma ocasião, os RM’s de que predispus nesta peça, igualmente aos muitos outros que me enviavam, não conservavam o estado bruto. A meio da **peça – residências universitárias** utilizei um áudio gravado via plataforma Zoom – pertencente à conversa que o jornalista responsável teve com Ana Rita Ferreira - manobra que arruinou a construção e montagem do exercício. Durante a execução do trabalho visado, refleti inúmeras vezes sobre o aproveitamento – ou não aproveitamento – dos áudios com qualidade dúbia de som. Caso não os utilizasse, a peça anexava somente o depoimento de uma interveniente e a credibilidade da informação que transmitíamos podia ruir. Mais tarde, na mostra desta peça ao orientador da entidade empregadora, o jornalista António Jorge, foi-me concedida a indicação de que, na presença dessas situações, o melhor passava por relegar essas práticas.

As **revistas de imprensa** também constituíram uma das principais dores de cabeça durante o estágio curricular realizado na Antena 1. No trabalho condizente com o dia **07/09/22** aglomerei toda a informação que considerei útil constar na espécie de síntese de títulos informativos e disposta nos mais variados jornais que se espalhavam pelas secretárias da redação e construí aquela que seria a minha visão dos acontecimentos diários. Contudo, a primeira experiência neste campo da editoria revelou-se infrutífera e as razões que conduziram ao fracasso diziam respeito ao facto de não mencionar explicitamente as fontes que operaram na produção noticiosa e de não encontrar uma relação entre as diferentes partes que compunham a primeira página dos jornais, isto é, passar de um tópico para outro seguindo a lógica do alinhamento em rádio: a notícia mais relevante daquele dia em primeiro lugar (nacional ou internacional), não saltitar com frequência entre diferentes editorias – Informação e Desporto, por exemplo – ou alternar entre notícias nacionais e notícias internacionais. “A proposta de lei deixa igualmente de fora quem tenha isenção de impostos” antecede a proposição “Ontem, o SL Benfica venceu o Maccabi Haifa por 2-0, em jogo a contar para a primeira jornada da fase de grupos da Liga dos Campeões” Como é perceptível, a meio do papel construído, introduzi uma matéria desportiva enquanto acabava de tratar um assunto político.

No dia **13/09/22**, segunda e última revista de imprensa efetuada, apesar de já ter explicitado as fontes e os jornais aos quais recorri e de ter segregado conteúdo pertencente à Informação de conteúdo pertencente ao Desporto, julgo ter cometido o erro relacionado com o alinhamento radiofónico: transitei de um jornal para o outro e, depois, voltei a fazer referência às mesmas fontes, embora noticiasse outro assunto. Realço também o facto de estes dois trabalhos não terem sido vistos pelo orientador de estágio da entidade empregadora.

O papel COVID ZERO – CHINA consagra o último exemplo que ilustra as dificuldades sentidas ao nível da estrutura e do conteúdo da escrita radiofónica. No caso concreto, não vou afirmar que a mensagem transmiti no trabalho provocou um revés na compreensão de quem a escutou nem que a construção frásica comprometeu esse mesmo entendimento. Cito, porém, uma frase mal empregue na execução deste papel e uma prática que, por vezes, caracterizava alguns serviços que realizei no período de estágio. A expressão “A política seguida por Pequim mantém, assim...” foi aplicada no penúltimo parágrafo do texto que escrevi e origina uma consonância inapropriada aos trâmites da atividade radiofónica na medida em que se devem evitar rimas entre palavras da mesma frase. Por vezes, inconscientemente, nas frases que erigia, algumas palavras rimavam ou adquiriam sons muito símiles. Como a rádio não pretende ser chamativa à compra de um determinado produto nem à sua publicidade, a rima não funciona, muito menos quando de radiojornalismo se trata. Este erro foi notado somente nos instantes que seguiram à gravação e montagem do papel.

Considerações finais sobre a travessia de três meses vivida e (des)conhecida na Antena 1

Afirmar, com toda a certeza, que saí do estágio curricular realizado na Antena 1 mais rico ao nível do conhecimento pode redundar em fracasso. Caso nunca venha a exercer jornalismo numa rádio, não terei a oportunidade de recuperar práticas e condutas apreendidas durante este percurso. E, obedecendo às palavras de Anton Tcheckov – considero a frase axiomática – no prólogo da descrição dos momentos de estágio explanadas, não obtive conhecimento porque nunca cheguei a reproduzir aquilo que me foi instruído ou aconselhado.

Anteriormente, descrevi e explanei o porquê de ter considerado a longevidade da do estágio escassa e curta e as razões que me conduziram a um estado de inaptidão em avaliar todas as peripécias e vicissitudes que ocorreram. Contudo, com base na experiência que vivi, sustento que foi extremamente agradável o período que passei na Antena 1 e que, findo o tempo, ainda tentei efetuar um estágio – desta feita profissional – mas as candidaturas não estavam abertas. Ter iniciado aquela aventura sem a criação de expectativas ou elevação da fasquia mental auxiliou-me, como também já mencionei, no decurso de todo o processo. Perante o sucedido, sinto-me em condições de aplicar um dito popular e recortá-lo para o álbum de lembranças que construí a partir desta experiência: quem corre por gosto, não cansa. Na minha opinião, a palavra “esforços” não contrai matrimónio com todo o bem-estar que senti no decurso do estágio curricular realizado na Antena 1

Em retrospectiva, julgo que não me arrependo de qualquer decisão tomada nos três meses em que integrei os quadros do órgão de comunicação social público. Por sua vez, apenas para benefício pessoal, invertia temporalmente aquela que foi a estadia na Manhã Informativa da Antena 1 e trocava-a pela temporada passada na editoria de Desporto. Se colocarmos a questão no trilho da aprendizagem e na aquisição de valências profissionais, foi na secção composta pelos jornalistas Cláudia Martins, Ricardo Pinheiro, Fernando Eurico e restantes colaboradores que mais contactei com o quotidiano que abarca a atividade radiofónica e na qual mais contribuí e cooperei para a execução das habituais tarefas. No fundo e sintetizando de modo entendível, onde me senti mais útil e onde me

senti realmente integrado com os colegas que tinha e rotinado com as dinâmicas da própria equipa que integrava.

Refletindo agora que tudo está mais arrefecido e sem estar compenetrado no êxtase - negativo ou positivo - que aquela experiência pudesse causar, noto que, ao longo destes 90 dias, acordei sempre com desejo e ânsia de fazer a viagem de comboio da estação de Vizela até ao Porto São Bento para, desse modo, entrar na redação e abrir caminho rumo ao trabalho a desempenhar. O fator que acabei de mencionar assume um carácter capital na maneira de encarar a experiência que um estágio curricular representa na vida de uma pessoa que sempre conservou a ideia de vir a fazer jornalismo, fosse na imprensa escrita fosse na rádio.

Nesta jornada, a escrita radiofónica sobressaltava os meus pensamentos, ainda que a espaços. Os escritos dirigidos para o formato áudio (rádio, no caso) pode parecer uma tarefa que nada tem de complicado ou labiríntico, mas a experiência que vivi conduz-me ao discernimento inverso. Ver os meus colegas – profissionais de rádio – a fazer aquilo à velocidade da luz enquanto eu alterava palavras e suprimia algumas ideias para não estender em demasia a peça ou o papel a gravar inquietava e provocava em mim algum enfado.

A certa altura, no meu juízo misturavam-se opiniões e pensamentos tão distintos e oriundos de mentes díspares entre si. Pensava muitas vezes em focar-me somente naquilo que era transmitido e aconselhado pelo orientador de estágio, – o jornalista António Jorge – mas, simultaneamente, não conseguia olvidar todos os auxílios que recebi dos restantes membros e colegas da Manhã Informativa da Antena 1. Este aspeto contribuiu para um estado que se traduzia numa amálgama entre desconcerto e indefinição e que afetava o trabalho que exercia diariamente.

Até ao dia 27 de outubro de 2022 – altura em que me transferi da Manhã Informativa 1 para a editoria de Desporto da Antena 1 - não tinha deslindado e solucionado os puzzles para assegurar a sobrevivência da relação entre os dois alicerces presentes na atividade radiofónica: o texto e o som. Sucintamente, não estou muito longe da verdade ao reiterar que, através de métodos distintos e seguindo os conselhos que ia colhendo de todos os membros da redação norte, estive (quase) dois meses a tentar melhorar a minha escrita para gravá-la e não a poder exibir.

No universo que abarca o jornalismo, ainda persiste a ideia pré-concebida de que o Desporto está representado como editoria menor e corresponde, na gíria, ao parente pobre daquela atividade. Com isto, não pretendo afirmar que a Antena 1 se rege por preceitos que se alimentam da discriminação com base no conteúdo informativo que cada editoria oferece ou da segregação editorial provocada pelo não cruzamento e ausência de comunicação entre as secções visadas, até porque nunca presenciei ou notei ações sintomáticas. Todavia, sem querer adentrar por esse debate, declaro sem pudor que foi na editoria Desporto que poli conceitos até à data envoltos em névoa mais ou menos densa e fui “infetado” pelo vulgarmente designado bichinho da rádio.

Nesta análise comparativa entre o começo e o término do estágio curricular realizado na Antena 1, realço também a assiduidade com que compareci aos noticiários, independentemente da secção que estivesse a frequentar ou da hora do dia que fosse emitido. Nos primórdios da experiência e na primeira reunião entre os dois, o orientador António Jorge expôs a relevância dos noticiários e pediu-me expressamente para, sempre que pudesse, fosse assistir pelo facto de “não se perder nada em ouvir o modo como o editor estruturava o alinhamento e lançava as peças ou papéis radiofónicos”. “Imagina que um dia vais desempenhar a função que eu e os restantes colegas que aqui tenho desempenhamos e te tornas editor de uma rádio: o que vires aqui irá certamente dar-te algumas luzes daquilo que podes aplicar quando editares um noticiário”, dizia-me. Confesso que, ao início, aquelas palavras pareceram-me estranhas e não lhes dei a devida importância, mas acatei o conselho.

No rescaldo do estágio, apercebi-me do significado das palavras anteriores. Inicialmente, lembro-me de pensar que me limitava a escutar somente uma pessoa que debitava informação NO AR e lançava trabalhos que correspondiam a essa mesma informação. Com o urgir do tempo e o desenrolar do estágio, transfigurei a ideia anterior e enformei-a do sentido que – a meu ver – era suposto atribuir às palavras do orientador: como na editoria de Desporto ajudava a planificar e elaborar os noticiários e/ou sínteses, dispunha de uma maior perceção de quando é que determinado papel entrava, do que lhe antecedia e do que iria suceder-lhe. Apesar de o conteúdo noticioso ser variável, a produção de um noticiário - tal como outro ofício repetido vezes sem conta - adquire um carácter puramente mecânico quando alicerçada na dimensão do conhecimento precisamente porque é posta em prática.

O último ângulo ao qual confiro destaque passa pela relação construída com os colegas de redação da Antena 1, principalmente com os que integram a editoria de Desporto da Antena 1. Embora a minha estadia se tivesse prolongado na Manhã Informativa da Antena 1 e os membros desta equipa me convidassem para alguns dos convívios realizados dentro dessa secção, a ligação que criei com os jornalistas Ricardo Pinheiro e Cláudia Martins sempre me pareceu mais natural e, por conseguinte, mais vinculada e robusta: com os dois últimos colegas que mencionei, a “conexão” surgiu espontaneamente e tudo se materializava num grau de cumplicidade adequado à atividade profissional que desempenhavam, mas com laivos de preocupação e consideração pelo trabalho que eu efetuava. E, com a declaração anterior, não pretendo alegar que os elementos da Informação não se interessassem por aquele que dizia respeito ao meu papel enquanto estagiário.

Referências bibliográficas

- Albano, R. M. (2022). A valorização do som na informação da Antena 1. Escola Superior de Comunicação Social.
- Almeida, J. C. (2017). Rádio Multimídia: Processo Dialético entre o Local e o Global.
- Araújo, R., & Portela, P. (2011). Rádio na Internet em Portugal. A abertura à participação num meio em mudança. *Comunicação e Sociedade*, 20.
[https://doi.org/10.17231/comsoc.20\(2011\).892](https://doi.org/10.17231/comsoc.20(2011).892)
- Balsebre, A. (2013). O rádio está morto... Viva o som!” ou como o rádio pode se transformar em uma nova mídia. *Significação*, 14–23.
- Bonxixe, L. ([s.d.]). Percursos da formação superior do jornalismo radiofónico em Portugal - Pathways of Higher Education on Radio Journalism in Portugal. *Media e Jornalismo*. https://doi.org/10.14195/2183-5462_27_2
- Bonxixe, L. (2010). A rádio informativa portuguesa na Internet - o estado da arte. https://www.researchgate.net/publication/315191896_A_radio_informativa_portuguesa_na_Internet_-_o_estado_da_arte
- Bonxixe, L. (2011). Jornalismo radiofónico e Internet – Um estudo da evolução do uso das potencialidades online nas notícias dos sites da rádio. *Comunicação e Sociedade*, 20, 29–41.
- Cordeiro, P. (2005a). A rádio de modelo multimediático e os jovens: a convergência entre o FM e a Internet nas rádios nacionais. Em *Campos da Comunicação*. Serviços Gráficos da Beira Interior.

Cordeiro, P. (2005b). O ouvinte em linha e a interactividade na rádio de público jovem: O programa “Prova Oral” na Antena 3. www.bocc.ubi.

Costa, J. C. P. (2016). O Jornalismo Radiofónico e o Online Como as rádios generalistas e de informação em Portugal utilizam o online para catalisar ouvintes para a antena. Universidade da Beira Interior.

de Moura Lacerda, J. (2015). Jornalismo desportivo: entretenimento ou informação. Universidade do Minho.

Del Bianco, Nélia (2010). Promessas de mudanças na programação e na linguagem das emissoras digitalizadas.

Estanislau, J. P. C. (2021). Laboratório de Inovação Jornalística: o caso exploratório da Antena 1. Universidade Nova de Lisboa.

Júnior, C. A. T. (2017). Jornalismo esportivo: o que é. Revista Pauta Geral, 4.

Lopez, D. C., & de Quadros, M. R. (2015). O rádio e a relação com o ouvinte no cenário de convergência: uma proposta de classificação dos tipos de interatividade - The radio and the relationship with the listener in the convergence scenario: a proposal for a classification of interactivity. FAMECOS, 22.

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495550202009>

Martins, R., & Vieira, J. (2021). Podcasts no jornalismo português – O caso P24
Podcasts in portuguese journalism – The case P24 h. Media e Jornalismo.

https://doi.org/10.14195/2183-5462_38_5

Meditsch, Eduardo. A informação sonora na webemergência: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia.

Meneses, J. P. (2016). Jornalismo Radiofônico. CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho.

Neuberger, R. S. A. (2012). O Rádio na Era da Convergência das Mídias. UFRB.

Pinheiro, R. M. R. (2017). A Linguagem Utilizada nos Noticiários Desportivos da Antena 1. Escola Superior de Comunicação Social.

Quadros, M. (2013). As redes sociais no jornalismo radiofônico: as estratégias interativas adotadas pelas rádios Gaúcha e CBN.

http://www.academia.edu/11683749/DISSERTA%C3%87%C3%83O._As_redes_sociais_no_jornalismo_radiof%C3%B4nico_as_estrat%C3%A9gias_interativas_adotadas pelas_r%C3%A1dios_Ga%C3%BAcha_e_CBN

Reis, I. (2011). A reconfiguração da temporalidade da rádio na era da Internet. *Comunicação e Sociedade*, 20, 13–28. [https://doi.org/10.17231/comsoc.20\(2011\).879](https://doi.org/10.17231/comsoc.20(2011).879)

Teixeira, J. (2011). Futebol, Inferno, Jogo e Guerra: as realizações linguísticas do jogo como metáfora nas capas dos jornais desportivos portugueses. *Football, hell, game and war: linguistic expressions of the game as a war metaphor on the covers of portuguese sports newspaper*. *Diacrítica - Série Ciências da Linguagem*, 25.

Apêndices textuais

Reunião das Comissões Episcopais

“Formar comunicadores” e “os cuidados na transmissão da mensagem” foram os temas em destaque na reunião que contou com as comissões episcopais de Portugal e Espanha.

No comunicado oficial lançado após o encontro... está descrito que a presença da Igreja na sociedade é importante para acompanhar as preocupações das pessoas, para transmitir uma mensagem e uma ética... por forma a repensar a cultura, as transformações sociais e a política... com a participação dos leigos.

A nota revela ainda que a comunicação pode escolher entre limitar-se ao pequeno jogo de intrigas da sociedade ou comunicar uma esperança realista e ser a voz de todos.

À agência Ecclesia... o presidente da Comissão Episcopal de Cultura, Bens Culturais e Comunicações Sociais em Portugal, João Lavrado... declarou que a comunicação deve oferecer testemunhos de pessoas capazes de abrir horizontes e transpor uma realidade de frustrações ou problemas.

Em Santiago de Compostela, na Galiza, o professor de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, João Duque também ofereceu o seu contributo... numa conferência que dura desde segunda-feira.

PEÇA – 96% pobreza cigana

A coordenadora do Observatório das Comunidades Ciganas não tem dúvidas.

áudio

Um dos eixos do problema reside na Educação.

áudio

A tomada das medidas está em vigor, assegura.

áudio

Para Maria José Casa-Nova, o apoio de reforço também tem de estender-se a outros setores, como a habitação.

áudio

A discriminação acentuou-se e causou mais pobreza A coordenadora do ObCig explanou dois dos possíveis motivos.

áudio

PAPEL – GREVE PROFESSORES

Dia 2 de novembro, o Ministro da Educação João Costa vai defender a proposta orçamental para a pasta na Assembleia da República. Por essa razão, está emitido um pré-aviso de greve por educadores e professores de vários sindicatos.

Em comunicado a FENPTROF responsabiliza o Governo de subfinanciar de forma crónica a educação... acusando-o de impedir melhorias nas condições de trabalho nas escolas e na aprendizagem dos alunos, para além de levar jovens ao abandono da profissão.

A Federação Nacional de Educação, numa nota oficial, defendeu uma “criação de estímulos” dos profissionais para zonas mais desfavorecidas do país e alertou também para o respeito pelos limites de tempo trabalho.

Em convergência com as duas estruturas sindicais, o Sindicato Nacional e Democrático dos Professores revelou ainda que a manifestação tem o objetivo de voltar a levar o ME a uma negociação verdadeira. Já a Associação Sindical de Professores Licenciados lebrou que as metas de investimentos no ensino em Portugal estão atrás da média da OCDE.

Por fim, o Sindicato Nacional de Professores Licenciados por Politécnicos e Universidades visa a união entre educadores e professores como elemento chave da discussão.

Mural – Agustina Bessa-Luís (1)

Agustina Bessa-Luís estendeu-se e agigantou-se por cem anos. Parte de si e da sua obra constam no muro com 120 metros de cumprimentos e 2 de altura... da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional – Norte.

O curador e interveniente no projeto, Frederico Draw, escolheu 13 artistas para 13 retratos com base nos livros da autora. Apostou na diversidade de estilos e ofereceu oportunidades a quem nunca pertenceu ao muralismo.

A arquiteta e artista plástica Mafalda Mendonça foi uma das convidadas para a homenagem. Dentes de Rato foi interpretada por ser infantil e profunda, em simultâneo, e pelo caráter autobiográfico. Lourença foi exposta no muro, assim como a fruta que muitas vezes trincava.

áudio

Madalena Pinto também deixou a marca naquela parede. Partindo da pintura de Rembrandt, traçou as personagens da Ronda da Noite: a avó Maria Rosa Nabasco e o neto Martinho. As diferentes tonalidades têm um propósito: distinguir as duas individualidades.

áudio

Perpetua-se Agustina Bessa-Luís. Mónica Baldaque, filha da autora, esboça a mãe no local de criação.

áudio

Mural Agustina Bessa-Luís (2)

Agustina Bessa-Luís estendeu-se e agigantou-se por cem anos. Parte de si e da sua obra constam no muro com 120 metros de cumprimentos e 2 de altura... da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional – Norte.

Madalena Pinto também deixou a marca naquela parede. Partindo da pintura de Rembrandt, traçou as personagens da Ronda da Noite: a avó Maria Rosa Nabasco e o neto Martinho. As diferentes tonalidades têm um propósito: distinguir as duas individualidades.

áudio

O curador e interveniente no projeto, Frederico Draw, escolheu 13 artistas para 13 retratos com base nos livros da autora. Apostou na diversidade de estilos e ofereceu oportunidades a quem nunca pertenceu ao muralismo.

áudio

Por fim, a figura perpetuada de Agustina. Mónica Baldaque, filha da autora, esboça a mãe no cadeirão em que habitualmente escrevia.

PEÇA – ANTEVISÃO FCP x SLB

De um lado, os dragões. Do outro, as águias. O jogo mais apetecível da 10ª jornada da Liga Bwin joga-se hoje.

O treinador do FC Porto espera um bom espetáculo entre as duas melhores equipas do campeonato.

áudio

Sérgio Conceição crê que o jogo não é decisivo. Mas relata que a equipa deve perceber a importância de vencer a partida.

áudio

Por outro lado, o técnico do SL Benfica, Roger Schmidt, revela que a vantagem das águias é mais confortável e afirma que o FC Porto está mais pressionado a ganhar.

áudio

Às 20:15h, as atenções centram-se no Estádio do Dragão. Prevê-se casa cheia e a melhor assistência da temporada.

PERFIL – Angela Lansbury

áudio Crime, She Wrote

Angela Lansbury foi Jessica Fletcher durante 12 temporadas... uma detetive com apurada inteligência e intuição... que resolveu dezenas de crimes na série televisiva Crime, Disse Ela.

Nasceu em 1925 na cidade de Londres e mudou-se para os EUA aos 15 anos, para fugir à II Grande Guerra.

Aí, teve a sua estreia no cinema. Participou como atriz secundária nos filmes Meia-Luz de George Dukor e no Retrato de Dorian Gray de Albert Lewin, papéis que lhe valeram duas das três nomeações para o Óscar da categoria.

áudio musical Mame

A partir da década de 50, os desempenhos no teatro e na televisão exibiram a sua versatilidade. O musical Mame catapultou-a para fama e valeu-lhe um prémio Tony, galardão novamente arrecadado nos musicais de palco Dear World (1969), Gypsy (1975) e Sweeney Todd (1979).

Entretanto, nos anos 60, a prestação no filme Enviado da Manchúria fez jus à terceira e última nomeação para Melhor Atriz Secundária, condecoração que nunca lhe foi atribuída.

áudio Beauty and The Beast

O filme anima da Disney “A Bela e o Monstro” também teve o seu contributo. Angela Lansbury deu voz a Mrs.Potts e interpretou a música “Beauty and the Beast”... que acabou por vencer a Melhor Canção nos ócares de 1991.

Ao longo da sua carreira, a britânica venceu 4 globos de ouro, 5 prémios Tony e 1 Óscar Honorário, entregue pela academia em 2013.

Faleceu aos 96 anos, durante o sono, na sua casa em Los Angeles.

Risco de fecho das maternidades

Seis serviços de urgência de Ginecologia e Obstetrícia podem fechar... sendo eles os hospitais de Vila Franca de Xira, do Barreiro, da Guarda, de Castelo Branco, de Famalicão e da Póvoa de Varzim.

Segundo informações noticiadas pelo Correio da Manhã... a proposta é da autoria da Comissão de Acompanhamento e pode obrigar as equipas à deslocação para outros hospitais, de maneira a reforçar o serviço em rede. O jornal adianta ainda que o colégio de Ginecologia / Obstetrícia de Ordem de Médicos não respondeu à moção e que o documento já foi discutido pela nova equipa da Saúde, a 3 de outubro.

Por outro lado, o Expresso relata que a proposta se estende apenas a Vila Franca de Xira, Barreiro, Castelo Branco e Covilhã.

Ao jornal, os dois hospitais da Grande Lisboa admitiram desconhecer o documento que viabiliza o encerramento dos serviços de urgência de Ginecologia e Obstetrícia.

Já o Centro Hospitalar da Cova da Beira... que integra o Hospital da Covilhã... alega não estar a par da situação e opõe-se... argumentando que o fecho é infundado, desproporcional e não condizente com a realidade dos serviços.

Kiev, Lviv e Dnipro

Esta madrugada, mais de 70 mísseis russos bombardearam várias regiões na Ucrânia.

Nas imagens que circulam nas redes sociais, são visíveis várias nuvens de fumo em Kiev... e o momento da explosão de uma ponte da capital... a destruição provocada por um míssil que caiu a poucos metros de um parque infantil da cidade... e uma explosão numa das ruas, transmitida em direto por uma residência local.

Durante a noite de domingo, Zaporizhzhia foi novamente bombardeada. Um prédio local ficou parcialmente destruído. Pelo menos 1 pessoa morreu e 5 pessoas ficaram feridas, segundo o anúncio do secretário do concelho municipal da cidade, Anatoly Kurtev... no Telegram.

As cidades de Dnipro e Lviv também não escaparam ao ataque russo... o governador regional, Maxim Kozitsky, apelou ao abrigo imediato dos moradores locais.

Até agora, 11 importantes infraestruturas de energia foram atingidas pela ofensiva russa.

Dois dias depois a explosão da ponte de Kerch... que liga a Rússia à região da Crimeia... a Ucrânia volta a ser bombardeada em massa.

Peça – (Itaipú + Lucas): ELEIÇÕES BRASIL

29 de setembro, manhã de quinta-feira... Pastelaria Itaipú, na baixa da cidade do Porto.

áudio

O proprietário, Delfim Duarte... quis trocar uma vida estabilizada no Brasil... por uma vida no país irmão. Nunca quis a dupla nacionalidade. Regressou há 34 anos... lembrou as esperas na fila de pão e do leite nas duas pátrias... e exibiu o antídoto para o futuro do Brasil.

áudio

Dois candidatos às eleições, nenhum se perfila.

áudio

A esposa, Gisela de Oliveira Duarte... é brasileira. O medo foi motivo mais do que suficiente para o retorno. Em Portugal, foi seduzida pela educação e pelo civismo. É adepta das coisas limpas e organizadas, venceu. E não esqueceu a atualidade do Brasil. Sobre as eleições do Brasil, a decisão está tomada.

áudio + *áudio*

E acrescenta uma razão.

áudio

O engenheiro aeronáutico Lucas Barbosa juntou-se à conversa. Trabalho no Brasil e sempre se preocupou com as oscilações económicas e políticas que atravessam o país. Participou em manifestações aquando do impeachment de Dilma Roussef. Veio de férias para Portugal em 2016 e aqui permaneceu. Em relação ao próximo ato eleitoral... deixou um lamento.

áudio

Domingo, dia 2 de outubro, o Brasil pode conhecer um novo Presidente... ou reencontrarse com o atual.

Pastelaria Itaipú

Ao longo dos tempos, Brasil e Portugal construíram uma relação estreita com sólidos laços históricos.

Delfim Duarte, de 76 anos, é proprietário da pastelaria Itaipú... na baixa da cidade do Porto. Viveu em Portugal nos primeiros anos... onde passou dificuldades... emigrou para o Brasil e regressou há 34 anos, sem intenção.

áudio

Trocar a vida estabilizada pela incerteza foi dúvida que o acercou.

áudio

Apesar do equilíbrio, Delfim retratou o Brasil de 1988.

áudio

E agora? O empresário resume o panorama brasileiro.

áudio

Gisela de Oliveira Duarte é esposa de Delfim. É brasileira, descendente de família portuguesa... e emigrou para Portugal ao mesmo tempo que o marido.

áudio

Num suspiro, admitiu que deixou um Brasil menos perigoso e inseguro e lembrou tempos passados.

áudio

Na travessia para o presente... Gisela relatou uma situação um tanto estranha.

áudio

Em Portugal há mais de três décadas... o casal trouxe o Brasil para o outro lado do Atlântico e tornou-o nu negócio.

PEÇA – FESTIVAL IMINENTE

ÁUDIO SISTER NANCY

Palavras como “mais” e “diversidade” marcaram o regresso do Festival Iminente à zona da Matinha, em Lisboa.

ÁUDIO CARLA CARDOSO

Para além das conversas, performances e workshops que marcam o evento... os concertos nos palcos Gsómetro, Choque e Fábrica. Destaques?

ÁUDIO CARLA CARDOSO

O recinto abre às 16h de hoje e prolonga-se até domingo, dia 25 de setembro...com

ÁUDIO CARLA CARDOSO

PEÇA – RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS

Alugar uma residência universitária é uma tarefa cada vez mais difícil em Portugal.

Cristina lembrou as muitas chamadas telefónicas para senhorios na região de Aveiro... enquanto procurava um quarto para o filho César... recém-entrado em Ciências Biomédicas.

áudio

E contou a experiência vivida nas ruas da cidade... juntamente com os outros pais.

áudio

Tal como César, Ana Rita Ferreira também entrou para a faculdade neste ano letivo. A nova estudante do Instituto Politécnico de Portalegre classificou a procura numa palavra.

áudio

Tentou encontrar quarto à distância, a partir do Porto. Mas ficou tudo mais complicado.

áudio

O reitor da Universidade de Lisboa também alertou para a situação que considera dramática... e que é vivida na capital.

áudio

Além disto, acredita que os estudantes possam desistir da faculdade onde realmente querem estar.

REVISTA DE IMPRENSA 13/09/22

As capas do JN e do Público noticiam o avanço das tropas ucranianas na região de Kharkiv com Moscovo a falar em retirada estratégica. Ainda no JN, a informação de que os professores com curso pós-Bolonha vão receber menos 350 euros do que professores de carreira.

O jornal Público destaca também a falta de professores no arranque do ano letivo e afirma que Lisboa e Setúbal concentram 59% dessa ausência... e adianta que as escolas perderam 420 mil alunos em 12 anos e que os colégios de ensino especial estão perto do colapso.

Os contratos sem concurso público estão a gerar polémica. O Jornal i avançou que a Comissão Nacional de Proteção de Dados assinou contratos de prestação de serviço sem divulgar valores no portal BASE.

O SL Benfica pediu o arquivamento do processo Saco Azul por não existirem provas de crime fiscal, segundo apurou o DN. O jornal teve acesso ao relatório da Judiciári que fala em fortes indícios de prática de crime fiscal, mas não aponta o uso de supostos valores pagos a árbitros.

Revista de Imprensa 07/09/2022

Hoje, no Brasil, celebram-se 200 anos de Independência. Os festejos do bicentenário colidem com a campanha eleitoral em curso. Os imigrantes olham com preocupação para o atual contexto político.

Os EUA sustentam que a Rússia recorre a armamento norte-coreano como resposta à ofensiva ucraniana. Em causa, estão as sanções aplicadas ao regime de Vladimir Putin.

No pacote de anti-inflação apresentado pelo Governo, os contratos de renda relativos a 2022 estão fora dos apoios fiscais. A proposta de lei deixa igualmente de fora quem tenha isenção de impostos.

Ontem, o SL Benfica venceu o Maccabi Haifa por 2-0, em jogo contar para a primeira jornada da fase de grupos da Liga dos Campeões. Hoje, entram em ação, na liga milionária, mais dois clubes portugueses: o FC Porto, em Madrid, frente ao Atlético e o Sporting CO, em Frankfurt, frente ao Eintracht.

Pedro Correia é o novo juiz de instrução no processo BES. A decisão surge na sequência da recusa de Ivo Rosa em continuar, por alegados problemas de saúde.

O Teatro Nacional São João (TNSJ) arranca a temporada internacional com o Festival Finisterra, concebido no âmbito da União de Teatros Europeus. A Praia, de Peter Asmussen... e Talvez de Ricardo Pais... iniciam em setembro a programação do semestre.

As cientistas portuguesas Ana Rita Duarte e Joana Gonçalves de Sá vão receber bolsas europeias no âmbito do projeto “Prova do Conceito” com a criopreservação de terapias celulares e o rebentar das bolhas de desinformação.

Greve 24h Polícias Municipais

A agência Lusa avançou que os polícias municipais vão realizar uma greve de 24 horas com o objetivo de exigir aumentos salariais e a regulamentação das carreiras.

O presidente do Sindicato Nacional de Polícias Municipais... queixou-se do desrespeito pela carreira dos agentes... e lembrou o abandono recente dos colegas de profissão.

áudio

Pedro Oliveira visou também os atrasos das desigualdades existentes... entre os assistentes técnicos superiores e os agentes da polícia municipal.

áudio

O protesto está previsto para o 12.00h... junto da residência oficial do primeiro-ministro, em Lisboa.

PEÇA – Mercado do Bolhão

Fechado há quatro anos, o Mercado do Bolhão surge renovado e reabre portas na cidade do Porto.

79 comerciantes históricos migram do mercado temporário para o espaço de dois pisos 81 bancadas, 38 lojas e 10 restaurantes.

Os comerciantes olham com agrado para a reabilitação do mercado e falam de um “regresso ao passado”.

áudio

áudio

O mercado do Bolhão reabre 15 de setembro depois de 4 tentativas de modernização nos últimos 34 anos.

Apêndices ilustrativos

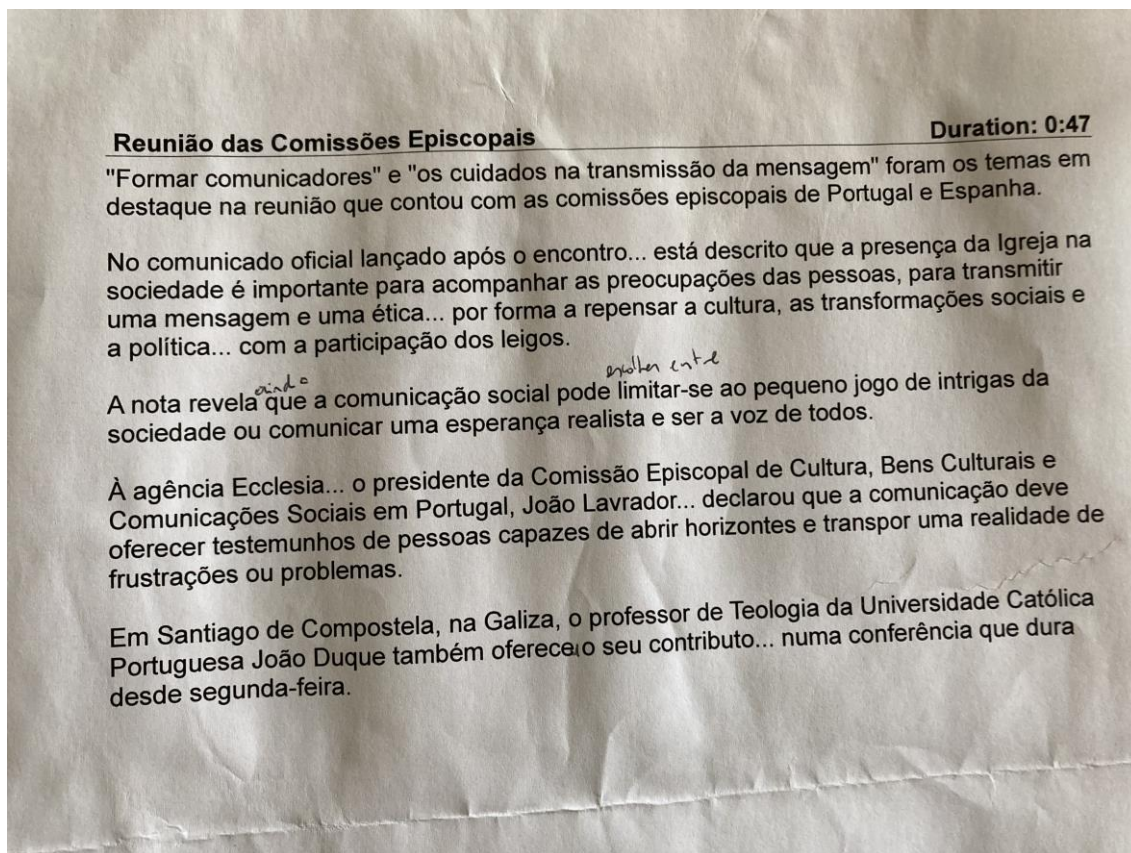


Figura 1. Papel Reunião das Comissões Episcopais

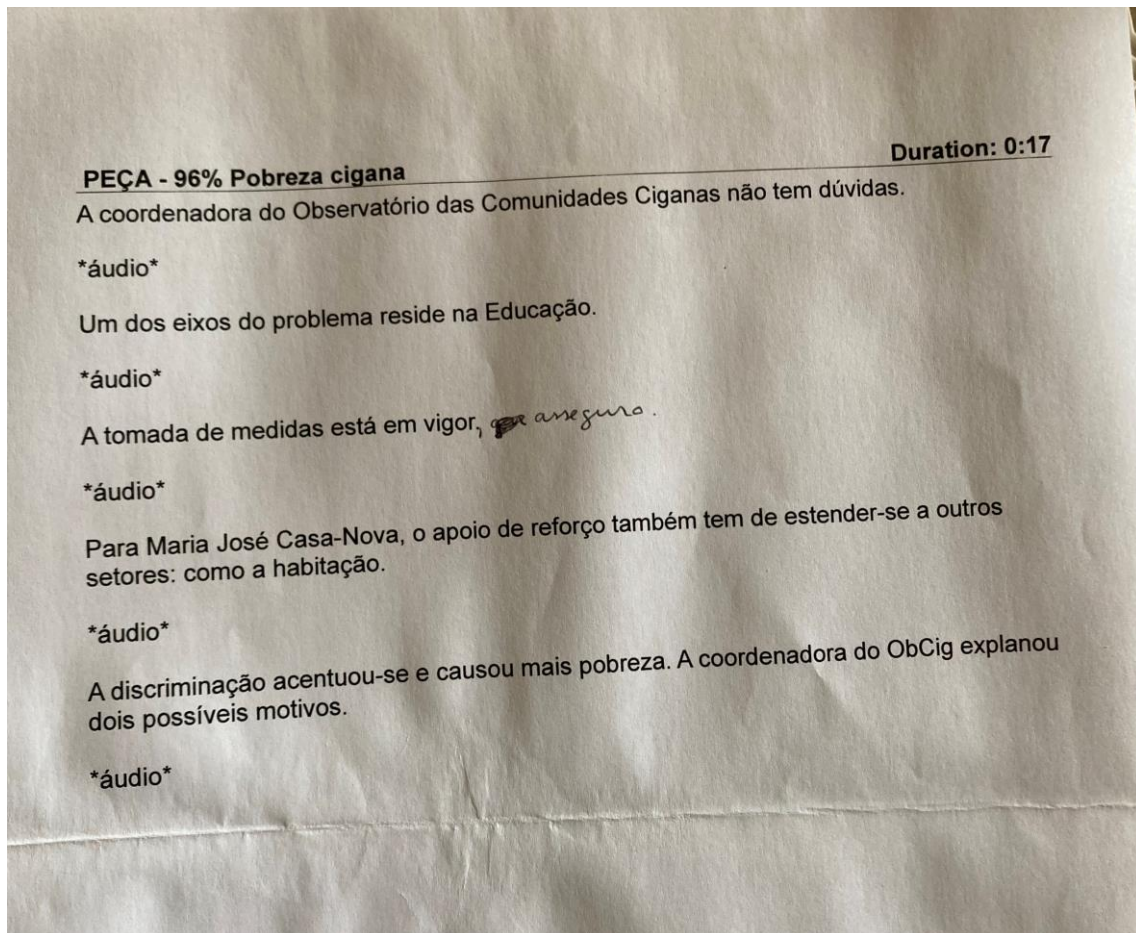


Figura 2. PEÇA - 96% Pobreza cigana

PAPÉL - GREVE PROFESSORES

Duration: 0:54

Dia 2 de novembro, o Ministro da Educação João Costa vai defender a proposta orçamental para a ~~educação~~ na Assembleia da República.

Por essa razão, está emitido um pré-aviso de greve por educadores e professores de vários sindicatos.

Em comunicado, a ~~Federação Nacional de Professores~~ ^{a FENPROF} responsabiliza o Governo de subfinanciar de forma crónica ~~o setor~~ ^{o sistema} acusando-o de impedir melhorias nas condições de trabalho nas escolas e na aprendizagem dos alunos, para além de levar jovens ao abandono da profissão.

A Federação Nacional de Educação, numa nota oficial, defendeu uma "criação de estímulos" dos profissionais para zonas mais desfavorecidas do país e alertou também para o respeito pelos limites de tempo de trabalho.

Em convergência com as duas estruturas sindicais, o Sindicato Nacional e Democrático dos Professores revelou ainda que a manifestação tem o objetivo de voltar a levar o ME a uma negociação verdadeira.

Já A Associação Sindical de Professores Licenciados lembrou ~~que~~ que as metas de investimento no ensino em Portugal estão atrás da média da OCDE.

^{Porém} o Sindicato Nacional de Professores Licenciados por Politécnicos e Universidades visa a união entre educadores e professores como elemento chave da discussão.

Figura 3. PAPÉL - GREVE DE PROFESSORES

Mural - Agustina Bessa-Luís

Duration: 0:52

Agustina Bessa-Luís estendeu-se e agigantou-se por cem anos. Parte de si e da sua obra constam no muro com 120 metros de comprimento e 2 de altura... da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional - Norte.

O curador e interveniente no projeto, Frederico Draw, escolheu 13 artistas para 13 retratos, com base nos livros da autora.

Apostou na diversidade de estilos e ofereceu oportunidades a quem nunca pertenceu ao muralismo.

áudio (3)

A arquiteta e artística plástica Mafalda ^{Lourença} Mendes foi uma das convidadas para a homenagem. *Dentes de Rato* foi interpretada por ser infantil e profunda, em simultâneo, e pelo caráter autobiográfico. Lourença foi exposta no muro, assim como a fruta que muitas vezes trincava.

áudio (1) → regrevo

Madalena Pinto também deixou a ~~seu~~ marca naquela parede.

Partindo da pintura de Rembrandt, traçou as personagens da Ronda da Noite: a avó Maria Rosa Nabasco e o neto Martinho.

As diferentes tonalidades têm um propósito: distinguir as duas individualidades.

áudio (2)

~~A Sibília, Fanny Owen, Vale Abraão, Os Incuráveis, A Muralha são alguns dos retratos que também podem ser vistos na Via Panorâmica Edgar Cardoso.~~
~~"Para Agustina - Extravagante Retrato de Família" deu nome ao projeto que pintou livros.~~

~~O projeto também perpetua~~ Agustina Bessa-Luís.
Mónico Baldoque, filho de autores, ~~esboça a mãe~~ no local de criação.

Figura 4. Mural - Agustina Bessa-Luís (1)

Mural - Agustina Bessa-Luís

Duration: 0:48

Agustina Bessa-Luís estendeu-se e agigantou-se por cem anos. Parte da sua obra consta no muro com 120 metros de comprimento e 2 de altura... da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional - Norte.

A arquiteta e artística plástica Mafalda ^{Ferdoussa} Mendes foi uma das convidadas para a homenagem. *Dentes de Rato* foi interpretada por ser infantil e profunda, em simultâneo, e pelo carácter autobiográfico.

Lourença foi exposta no muro, assim como a fruta que muitas vezes trincava.

áudio

Madalena Pinto também deixou a sua marca naquela parede. Partindo da pintura de Rembrandt, traçou as personagens da Ronda da Noite: a avó Maria Rosa Nabasco e o neto Martinho. As diferentes tonalidades têm um propósito: distinguir as duas individualidades.

áudio

O curador e interveniente no projeto, Frederico Draw, escolheu 13 artistas para 13 retratos, com base nos livros da autora.

Apostou na diversidade de estilos e ofereceu oportunidades a quem nunca pertenceu ao muralismo.

áudio

Por fim, a figura perpetuada de Agustina.

Mónica Baldaque, filha da autora, esboçou a mãe no cadeirão em que habitualmente escrevia.

áudio

Figura 5. Mural - Agustina Bessa-Luís (2)

PEÇA - ANTEVISÃO FCP x SLB

Duration: 0:26

De um lado, os dragões. Do outro, as águias. O jogo mais apetecível da 10ª jornada da Liga Bwin joga-se hoje.

O treinador do FC Porto espera um bom espetáculo entre as duas melhores equipas do campeonato.

áudio

Sérgio Conceição crê que o jogo não é decisivo.
Mas relata que a equipa deve perceber a importância de vencer a partida.

áudio

Por outro lado, o técnico do SL Benfica, Roger Schmidt, revela que a vantagem das águias é mais confortável e afirma que o FC Porto está mais pressionado a ganhar.

áudio

Às 20:15, as atenções centram-se no Estádio do Dragão.
Prevê-se casa cheia e o melhor registo de assistência da temporada.

Figura 6. PEÇA - ANTEVISÃO FCP x SLB

Perfil - Angela Lansbury

Duration: 0:59

áudio Crime, She Wrote

Angela Lansbury foi Jessica Fletcher durante 12 temporadas... uma detetive com apurada inteligência e intuição... que resolveu dezenas de crimes na série televisiva *Crime, Disse Ela*.

Nasceu em 1925 na cidade de Londres e mudou-se para os EUA aos 15 anos... para fugir à II Grande Guerra.

Aí, teve a sua estreia no cinema. Participou como atriz secundária nos filmes *Meia-Luz* de *George Dukor* e o *Retrato de Dorian Gray* de *Albert Lewin*, papéis que lhe valeram duas das três nomeações para o Óscar da categoria.

áudio musical Mame

A partir da década de 50, os desempenhos no teatro e na televisão exibiram a sua versatilidade. O musical *Mame* catapultou-a para a fama e valeu-lhe um prémio Tony, galardão arrecadado ~~novamente em~~ *Dear World* (1969) *Gypsy* (1975) e *Sweeney Todd* (1979).
 ↙ viveu nos musicais de palco

Entretanto, nos anos 60, a prestação no filme *Enviado da Manchúria* fez jus à terceira e última nomeação para Melhor Atriz Secundária, condecoração que nunca lhe foi atribuída.

*áudio Beauty and The Beast"

O filme animado da Disney "A Bela e o Monstro" também teve o seu contributo. Angela Lansbury deu voz a Mrs. Potts e interpretou a música "Beauty and the Beast"... que acabou por vencer a Melhor Canção nos Óscares de 1991.

Ao longo da sua carreira, a britânica venceu 4 globos de ouro, 5 prémios Tony e 1 Óscar Honorário, entregue pela academia em 2013.

Faleceu aos 96 anos, durante o sono, na sua casa em Los Angeles.

96

MAME - EXTRA

Figura 7. Perfil - Angela Lansbury

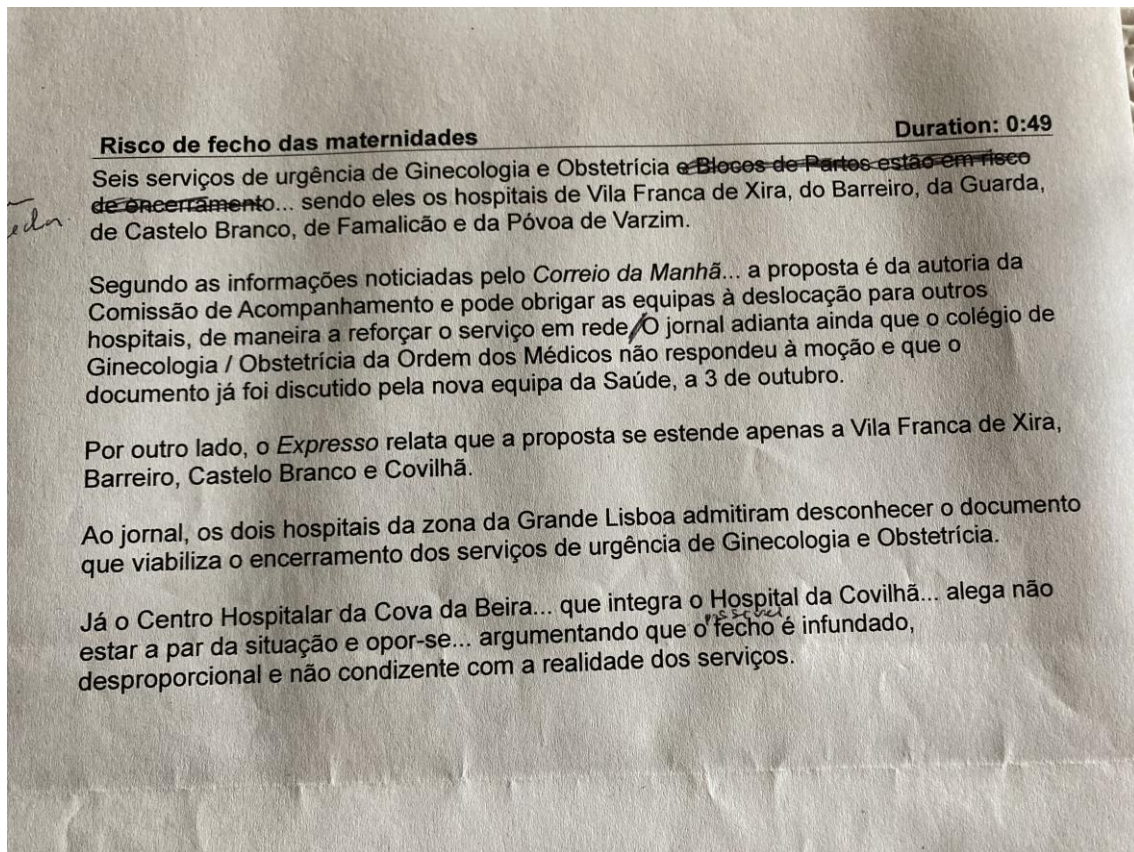


Figura 8. Risco de fecho das maternidades

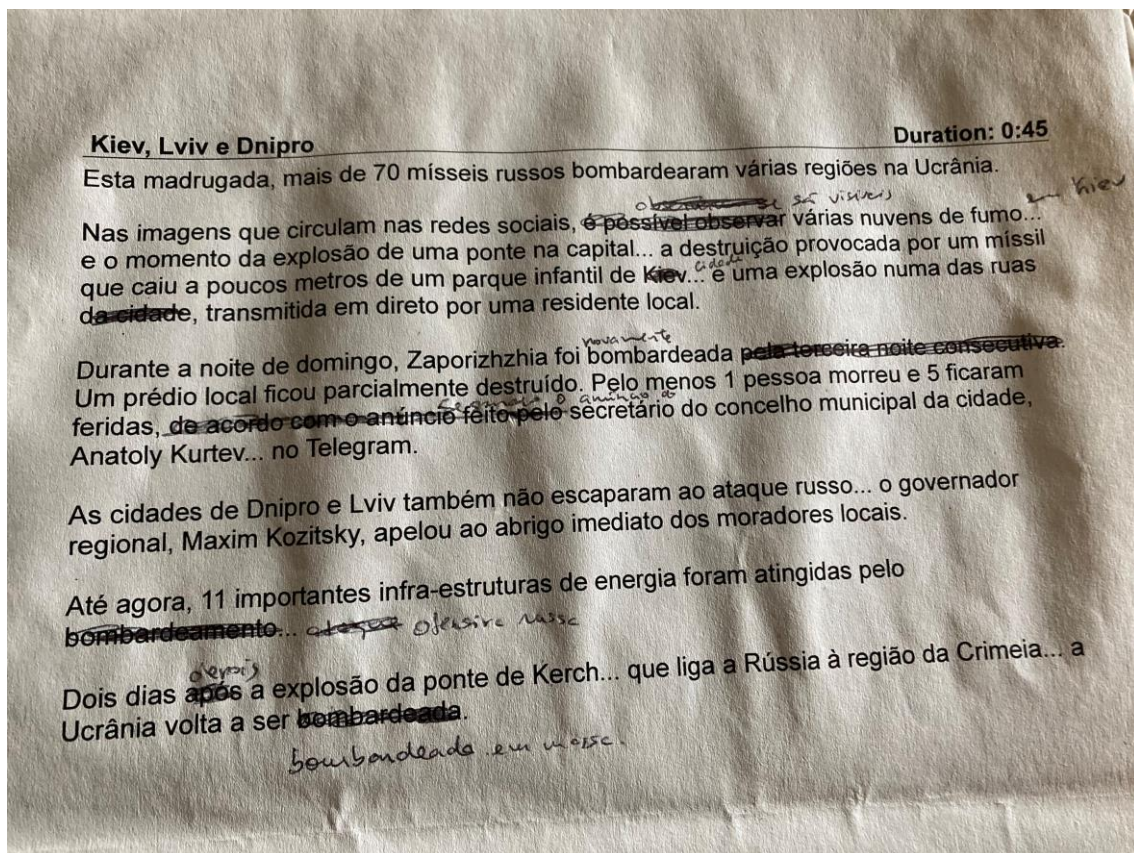


Figura 9. Kiev, Lviv e Dnipro

Peça - Brasil (Itaipú + Lucas) ELEIÇÕES BRASIL Duration: 0:52

29 de setembro, manhã de quinta-feira... Pastelaria Itaipú, na baixa da cidade do Porto.

áudio

O proprietário, Delfim Duarte... quis trocar uma vida estabilizada no Brasil ... por uma vida nova no país irmão. Nunca quis a dupla nacionalidade. Regressou há 34 anos... lembrou as esperas na fila do pão e do leite nas duas pátrias... e exibiu o antídoto para o futuro do Brasil.

áudio

Dos candidatos às eleições, nenhum se perfila.

áudio

A esposa, Gisela de Oliveira Duarte... é brasileira. O medo foi motivo mais do que suficiente para o retorno. Em Portugal, foi seduzida pela educação e pelo civismo. É adepta das coisas limpas e organizadas, venceu. E não esqueceu a atualidade do Brasil. Sobre as futuras eleições, a decisão está tomada.

áudio + *áudio*

E acrescenta uma certeza.

áudio

O engenheiro aeronáutico Lucas Barbosa juntou-se à conversa. Trabalhou no Brasil e sempre se preocupou com as oscilações económicas e políticas que atravessavam o país. Participou em manifestações aquando do impeachment de Dilma Rousseff. Veio de férias para Portugal em 2016 e aqui permaneceu. Em relação ao próximo ato eleitoral... ~~deixa~~ ^{deixa} um lamento.

áudio

Domingo, dia 2 de outubro, o Brasil pode conhecer um novo Presidente... ou reencontrar-se com o atual.

Figura 10. Peça - Brasil (Itaipú + Lucas)

Pastelaria Itaipú

Duration: 0:41

Ao longo dos tempos, Brasil e Portugal construíram uma relação estreita com sólidos laços históricos.

Delfim Duarte, de 76 anos. é proprietário da pastelaria Itaipú... na baixa da cidade do Porto. Viveu em Portugal nos primeiros anos de vida... onde passou dificuldades... emigrou para o Brasil e regressou há 34 anos, sem intenção.

áudio DELFIM TINHA VIVIDO + DELFIM VOLTAR ✓

Trocar a vida estabilizada pela incerteza foi dúvida que o acercou.

áudio DÚVIDA DE DELFIM

Apesar do equilíbrio, Delfim retratou o Brasil de 1988.

áudio DIFICULDADES DE DELFIM

E agora? O empresário resume o panorama brasileiro.

áudio E AGORA

Gisela de Oliveira Duarte é esposa de Delfim. É brasileira, descendente de família portuguesa... e emigrou para Portugal ao mesmo tempo que o marido.

áudio GISELA GOSTA

Num suspiro, admitiu que deixou um Brasil menos perigoso e inseguro e lembrou tempos passados.

áudio TEMOS VIOLÊNCIA E NÃO PENSAR

Na travessia para o presente... Gisela relatou uma situação um tanto estranha.

áudio NÃO GOSTO DISSO

Em Portugal há mais de três décadas... o casal trouxe o Brasil para Portugal e tornou-o num negócio.

o outro lado do Atlântico

Figura 11. Pastelaria Itaipú

PEÇA - FESTIVAL IMINENTE

Duration: 0:17

ÁUDIO SISTER NANCY

Palavras como "mais" e "diversidade" marcam regresso do Festival Iminente à zona da Matinha, em Lisboa.

ÁUDIO CARLA CARDOSO

Para além das conversas, performances e workshops que marcam o evento... os concertos nos palcos Gasómetro, Choque e Fábrica. Destaques?

ÁUDIO CARLA CARDOSO

O recinto abre às 16h de hoje e prolonga-se até domingo, dia 25 de setembro... com

ÁUDIO CARLA CARDOSO

Figura 12. PEÇA - FESTIVAL IMINENTE

(REFEITA)
Alugar uma residência universitária é uma tarefa cada vez mais difícil em Portugal.

Cristina lembrou as muitas chamadas telefónicas para senhorios na região de Aveiro enquanto procurava um quarto para o filho César recém-entrado em Ciências Biomédicas.

áudio

e contou a experiência vivida nas ruas da cidade juntamente com outros pais.

áudio

Tal como César, Ana Rita Ferreira também entrou para a faculdade neste ano letivo.

A nova estudante do Instituto Politécnico de Portalegre classificou a procura numa palavra.

áudio

Tentou encontrar quarto à distância, a partir do Porto. Mas ficou tudo mais complicado.

áudio

O reitor da Universidade de Lisboa também alertou para a situação que considera dramática e que é vivida na capital.

Figura 14. Peça - residências universitárias

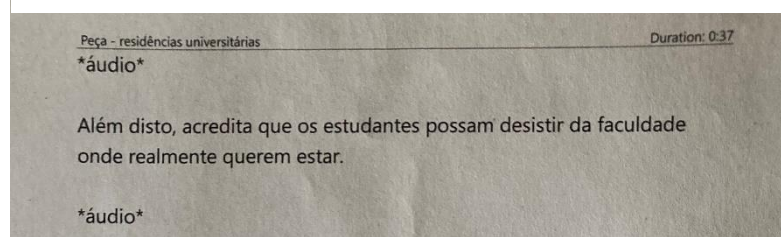


Figura 13. Peça - residências universitárias

Revista de Imprensa (07/09/2022)

Hoje, no Brasil, celebram-se os 200 anos de Independência.
Os festejos do bicentenário colidem com a campanha eleitoral em curso.
Os imigrantes olham com preocupação para o atual contexto político.

Os EUA sustentam que a Rússia recorre a armamento norte-coreano como resposta à ofensiva na Ucrânia.
Em causa, estão as sanções aplicadas ao regime de Vladimir Putin.

No pacote de anti-inflação apresentado pelo Governo, os contratos de renda relativos a 2022 estão fora dos apoios fiscais.
A proposta de lei deixa igualmente de fora quem tenha isenção de impostos.

Ontem, o SL Benfica venceu o Maccabi Haifa por 2-0, em jogo a contar para a primeira jornada da fase de grupos da Liga dos Campeões.
Hoje, entram em ação na liga milionária mais dois clubes portugueses.
O FC Porto, em Madrid, frente ao Atlético e o Sporting CP, em Frankfurt, frente ao Eintracht.

Pedro Correia é o novo juiz de instrução do Processo BES.
A decisão surge na sequência da recusa em continuar de Ivo Rosa, por alegados problemas de saúde.

O Teatro Nacional São João (TNSJ) arranca a temporada internacional com o Festival Finisterra, concebido no âmbito da União dos Teatros Europeus.
A Praia, de Peter Asmussen, e Talvez... Monsanto, de Ricardo Pais, iniciam em setembro a programação do semestre.

As cientistas portuguesas Ana Rita Duarte e Joana Gonçalves de Sá vão receber bolsas europeias
No âmbito do projeto "Prova de Conceito"
Com a criopreservação de terapias celulares e o rebentar de bolhas de desinformação.

Figura 15. REVISTA DE IMPRENSA - 07/09/22

REVISTA DE IMPRENSA - 13 09 22

Duration: 0:45

Bom dia! O destaque para as principais notícias do dia:

As capas do JN e do Público noticiam o avanço das tropas ucranianas na região de Kharkiv com Moscovo a falar em retirada estratégica.

Ainda no JN, a garantia de que os professores com curso pós-Bolonha vão receber menos 350 euros do que professores de carreira.

O jornal Público destaca também a falta de professores no arranque do ano letivo e afirma que Lisboa e Setúbal concentram 59% dessa ausência
Adianta ainda que as escolas perderam 420 mil alunos em 12 anos e os colégios de ensino especial estão perto do colapso

Os contratos sem concurso público estão a gerar polémica.
O Jornal i avançou que a Comissão Nacional da Proteção de Dados assinou contratos de prestação de serviço sem divulgar valores no portal BASE.

O SL Benfica pediu o arquivamento do processo Saco Azul por não existirem provas de crime fiscal, segundo apurou o DN.
O jornal teve acesso ao relatório da Judiciária que fala em fortes indícios de prática de crime fiscal mas não aponta o uso de supostos valores pagos a árbitros.

Figura 16. REVISTA DE IMPRENSA 13/09/22

Greve 24h Polícias Municipais

Duration: 0:26

A agência Lusa avançou que os polícias municipais vão realizar uma greve de 24 horas com o objetivo de exigir aumentos salariais e a regulamentação das carreiras.

O presidente do Sindicato Nacional de Polícias Municipais queixou-se do desrespeito pela carreira dos agentes e lembrou o abandono recente de colegas de profissão

áudio

Pedro Oliveira visou também o atraso das desigualdades existentes entre os assistentes técnicos superiores e os agentes da polícia municipal

áudio

O protesto ~~A manifestação de protesto~~ está prevista para o 12:00h junto da residência oficial do primeiro-ministro, em Lisboa.

Figura 17. Greve 24h Polícias Municipais

Peça - Mercado do Bolhão

Duration: 0:18

Fechado há quatro anos, o Mercado do Bolhão surge renovado e reabre portas na cidade do Porto.

79 comerciantes históricos migram do mercado temporário para o espaço de dois pisos com 81 bancadas, 38 lojas e 10 restaurantes.

Os comerciantes olham com agrado para a reabilitação do mercado e falam de um regresso ao passado.

áudio

áudio

O mercado do Bolhão reabre dia 15 de setembro, depois de ~~inúmeras datas e previsões~~ de 4 tentativas de modernizar nos últimos 34 anos.

Figura 18. Peça - Mercado do Bolhão

COVID ZERO - CHINA

Duration: 0:41

~~Preve-se mudanças na política de combate à pandemia, mas a abordagem da China não se vai alterar.~~

O Diário do Povo destacou a estratégia Covid Zero como passo para a sustentabilidade e estabilização, quer do ponto de vista da economia, quer da proteção dos mais de 1,4 mil milhões de habitantes.

O órgão oficial do partido sublinhou a eficácia e o caráter científico da medida... apesar de reconhecer as insuficiências ao nível dos recursos médicos e as desigualdades no desenvolvimento regional do país.

A política seguida por Pequim mantém, assim... as fronteiras encerradas... a realização de testes em massa... o isolamento de todos os casos positivos e contactos diretos... cumprimento do período de quarentena de 10 dias a quem chega do exterior.

O regresso ao dossiê Covid Zero não deve marcar presença no 20º Congresso do PCC... com data marcada para 16 de outubro... onde deverá ser reforçada a liderança do secretário-geral da organização, Xi Jinping.

Figura 19. COVID ZERO – CHINA